

2

A violência na Sociedade Ocidental Contemporânea

A sociedade ocidental tem enfrentado em seu desenvolvimento e estruturação períodos de estabilidade e outros de crise. Vivemos em um período de crise, no qual para alguns pesquisadores “a violência tornou-se um fato massivo nas sociedades contemporâneas a ponto de constituir um verdadeiro desafio para a consciência moral do nosso tempo”.¹⁵ Para outros, “se fizermos um retrospecto da história da humanidade, veremos que o ser humano vem amenizando sua violência e hoje estamos muito mais gentis e amáveis do que no passado”.¹⁶ Essas divergências nas reflexões dos pesquisadores, nos mostram duas visões sobre o mesmo evento: a violência. Se nos aprofundarmos nessa análise, poderemos perceber que ambos podem ter razão. A sociedade encontra-se mais civilizada, porém a ‘violência’ está mais refinada através das inúmeras, rápidas e constantes novidades tecnológicas, tornando-a igualmente cruel.

Alguns filósofos responsabilizam a sociedade ocidental de agravar a ‘violência’ existente na contemporaneidade por priorizar o ‘individualismo’, incentivando o ‘ser’ a girar em torno de si mesmo, deixando o ‘outro’ de fora. Um movimento que Emmanuel Lévinas¹⁷ chama de ‘centrípeto’, que consta de uma busca por uma autorealização onde não há espaço para mais ninguém. Para mediar os inúmeros ‘eu’s da sociedade “tem-se uma moral de freio, de diplomacias e concordatas”.¹⁸ Uma mediação preocupada apenas com as relações econômicas, buscando resolver suas próprias necessidades.

Vivemos em um período da história da humanidade cujas características são especiais, e se diferem da grande maioria dos traços que marcaram outros períodos. A este período histórico chamaremos de ‘contemporaneidade’, embora seja também conhecido como pós-modernidade e hipermodernidade”.¹⁹

¹⁵ BINGEMER, L. Maria Clara (org.); Edson Damasceno... [et al]. *Violência e Religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo: três religiões em confronto e diálogo*. R.J: Ed. PUC Rio. São Paulo: Ed.Loyola, 2002, p 11.

¹⁶ PINKER, Steven. *Uma história de violência*. Disponível em Edge The third culture: http://translate.google.com.br/translate?hl=ptBR&sl=en&tl=pt&u=http%3A%2F%2Fwww.edge.org%2F3rd_culture%2Fpinker07%2Fpinker07_index.html. Acessado em 27/05/2010.

¹⁷ Filósofo, judeu, conhecedor da Bíblia. Trataremos muito detalhadamente de seu pensamento no terceiro e quarto capítulo deste trabalho.

¹⁸ SUSIN, Luiz Carlos. *O homem messiânico*. Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas. P. A.: EST/ Petrópolis: Ed. Vozes, 1984, p. 70.

¹⁹ Lipovetsky popularizou o termo pós-modernidade, e hoje, refuta este termo, dizendo que embora os fatos que caracterizavam a pós-modernidade estivessem corretos, a conceitualização não estava, pois não se era pós-moderno, mas se vivia uma outra modernidade. Na atualidade, ele

2.1. Sociedade contemporânea e violência

De acordo com Sébastien Charles²⁰ estamos vivendo um período de grande mudança na sociedade. Um momento histórico onde todos os freios institucionais que se opunham à emancipação individual realmente passam a desaparecer para dar lugar aos desejos subjetivos, a realização individual, ao amor próprio. Para ele este é o momento em que as grandes ideologias se esvaem, os projetos históricos não são mais motivo de grandes mobilizações, e “o âmbito social não é uma continuação do privado”²¹, instalando-se como diz Gilles Lipovetsky, a era do vazio.

Não há mais modelos prescritos pelos grupos sociais, nem normas sendo impostas, o que há é uma vontade de seduzir que afeta o domínio público e o privado. Os indivíduos ‘pós’ são flexíveis, hedonistas, libertários, e ao tornarem-se ‘hiper’ parecem estar maduros, responsáveis, organizados, eficientes e flexíveis. Entretanto os ‘hiper’ são:

Os mais informados e mais desestruturados, os mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos²².

Mudou o ambiente social e sua relação com o presente. O ser humano vive sob uma tensão nervosa, com medo do futuro incerto frente a uma lógica da globalização que independe das pessoas, participando de uma competição liberal e um desenvolvimento tecnológico sem precedentes, e ao mesmo tempo experimentando uma precariedade de emprego, e uma alta estagnação de desemprego. A fé foi substituída pela paixão, e as convicções escatológicas e a crença numa verdade absoluta que habitava a história desmoronaram-se.

Para Lipovetsky nesta nova etapa contemporânea não há escolha, não há alternativa, é preciso evoluir. “É o culto pela modernização técnica prevalecendo à objetivação do fim e dos ideais”²³.

se refere a hipermodernidade. Para padronizar este trabalho, chamaremos este período de ‘contemporaneidade’, a não ser quando fizermos alguma citação que use o termo pós ou hiper.

²⁰ Professor de filosofia na Universidade de Sherbrooke (Canadá). Autor de *Cartas sobre a hipermodernidade*; É possível viver o que eles pensam, etc.

²¹ LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. *Os tempos hipermodernos*. S.P: Barcarolla, 2007, p. 23.

²² IDEM. *Ibidem*, p.33.

²³ IDEM. *Ibidem*, p. 57.

Segundo Stuart Hall²⁴, há uma mudança nas estruturas das sociedades modernas, provocando a fragmentação das visões culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Estas visões no passado eram rígidas e estruturaram nossas identidades pessoais, mas agora “estas transformações estão modificando também as identidades pessoais, deslocando, descentrando as pessoas do lugar que tinham no mundo social e cultural, e em relação a si mesmo”.²⁵

Este deslocamento tem provocado uma série de questionamentos. Para Kobena Mercer²⁶ “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”.²⁷

De acordo com Fritjof Capra²⁸ estamos em um momento de transição da história cultural humana. Já o vivemos no passado, mas agora o sentimos mais intensamente devido ao ritmo em que vivemos, à globalização e aos vários processos de mudança que estão acontecendo juntos. Uma transição inevitável e que faz parte do processo evolutivo da sociedade. Mas para ela acontecer, sem grandes traumas, precisamos: perceber que essas modificações são naturais, rever os conceitos que não mais se justificam, reencontrar alguns que deixamos de lado na história, além de descobrir novos conceitos. “As mudanças precisam acontecer no campo científico, cultural, político, econômico, e religioso sem que venhamos a temer as mudanças, pois estas serão necessárias e benéficas”.²⁹

Ao final da exposição destes pensadores podemos perceber que as mudanças que estão acontecendo têm o seu lado negativo e positivo. As mesmas mudanças que tornam esta época um momento especial, com características únicas, naturais, e necessárias, também são responsáveis pela insegurança e coisificação do ser humano neste momento histórico. Aspectos propícios para ‘aumentar a violência.’

²⁴ Importante na área de Estudos Sociais. Entre seus livros citamos: A questão da identidade cultural; A identidade cultural na pós-modernidade; Da diáspora: Identidades e Mediações culturais.

²⁵ HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. R. J.: DP&A, 2006, p.8.

²⁶ Escritor, crítico cultural e o editor de vários livros, entre eles: Pop Art e Culturas Vernacular, Modernismos Cosmopolitan, e Discrepantes Abstração.

²⁷ MERCER, Kobena. *Welcome to the jungle*. In: Rutherford, J. (Org). *Identity*. Londres: Lawewnce & Wishart, 1990, p. 43.

²⁸ Físico e teórico de sistemas. Autor de diversas obras de referência, entre eles: Como o Tao da Física; A Teia da Vida; e As Conexões Ocultas: Ciência para uma Vida Sustentável.

²⁹ CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. S. P.: Cultrix, 2006, p.9.

2.1.1. Violência

Para analisar a violência, nosso primeiro passo será situá-la. A violência faz parte do campo irracional, perturbador, e ao mesmo tempo possui fronteiras com o racional, filosófico. Ela envolve toda a sociedade, pois está ligada a aspectos da vida de cada um, desde os mais íntimos como, amor, desejo, e fé, e ao mesmo tempo encontra-se ligada a questões externas como raça, sexo, orientação sexual, religião, interesses econômicos, poder, etc.

Seja da forma mais sutil à violência física, ou da humilhação ao genocídio, “toda violência é mortal, pois é uma violação da personalidade da pessoa, atingindo a dignidade do ser humano”.³⁰

Para Marilena Chauí³¹ violência é desnaturar, coagir, constranger, torturar, brutalizar, violar o outro. Violência é...

- 1) Tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser. [...]
- 2) Todo ato de força contra a espontaneidade, à vontade e a liberdade de alguém. [...]
- 3) Todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade.[...]
- 4) Todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito.
- 5) Conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror.³²

Com base nas análises feitas sobre a violência na contemporaneidade, levanta-se a tese de que o aumento da violência esteja ligado à falta de diretrizes dadas pelas instituições tradicionais como o estado, os setores educacionais e as religiões que num passado não muito remoto estipulavam seriamente as regras a serem seguidas, e quem ousasse não estar de acordo com os padrões determinados, era expulso ou excluído da sociedade mediante alguma forma punitiva. De acordo com Lipovetsky, esta sociedade disciplinar-solitária não mais existe. “Passamos para a sociedade da hipervigilância, onde para combater a violência se instalam milhões de câmaras, meios eletrônicos, e identificação das pessoas.”³³

³⁰ BINGEMER, *Violência e Religião*, p. 284.

³¹ Professora da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH). Autora de vários livros e artigos. Entre eles: Repressão sexual; Introdução a história da filosofia; Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária; Cidadania cultural; e Simulacro e poder.

³² CHAUI, Marilena. *Contra a violência*. Disponível no site: <http://fpabramo.org.br/contraviolencia-por-marilena-chau>. Acessada em 12/02/2011.

³³ LIPOVETSKY; CHARLES, *Os tempos hipermodernos*, p. 55.

2.1.2. Fatores que geram violência

Para se pensar em uma educação voltada para uma cultura de paz, é necessário refletir sobre os fatores que podem levar à violência. Eles são vários: a desigualdade social, as religiões, as drogas, o poder, o preconceito, a discriminação, o hedonismo, etc..., e cada qual tem sua peculiaridade. Mas dois fatores, particularmente, chamam a nossa atenção, pois, se fizermos um retrospecto na história da humanidade, eles sempre estiveram presentes, exercendo um papel significativo desde o início da história da humanidade, seja no âmbito macro ou micro. E se quisermos ter uma sociedade mais tolerante e inclusiva esses fatores terão que ser analisados, para que se procure uma forma de eliminá-los, ou pelo menos, abrandá-los. São eles: ‘preconceito e discriminação’.

Para entender melhor esses fatores e os dissabores que ambos têm provocado, na humanidade, faremos a distinção entre os termos acima colocados.

Preconceito é a forma, o modo como se vê um determinado grupo, construindo uma ideia negativa a partir da comparação com um ideal padrão daquele que julga. O ideal padrão é o superior, o que foge ao padrão é o inferior. “É um julgamento prévio negativo que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos”.³⁴

Discriminação é a manifestação ou comportamento induzido pelo preconceito, prejudicando certa pessoa ou grupos de pessoas. “A violência pode ser a manifestação agressiva desse comportamento, ou a forma como todo e qualquer ato discriminatório é percebido pela pessoa que o recebe”.³⁵

Quando se tem um modelo como ideal, aquele que fugir do modelo é considerado, no mínimo infrator. Se já há dificuldade de uma pessoa aceitar @ diferente de si própria, maior dificuldade haverá em aceitar aquele que não se encontra dentro dos padrões idealizados, em se colocar no lugar daquele que a pessoa não deseja ser, ou até mesmo tem medo de ser. E se uma pessoa não sente empatia, não se sente responsável, não quer ter compromisso com @ outr@,

³⁴ CARTILHA CIDADANIA PARA TODOS. *Preconceito, racismo e discriminação social*. Disponível em site: <http://www.dhnet.org.br/w3/ceddhc/bdados/cartilha14.htm>. Acessado em 12/03/2011.

³⁵ JACCOUD, Luciana; BEGHIN, Nathalie. *Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental*. Brasília: IPEA, 2002, p. 38. Disponível em site: <http://www.ufgd.edu.br/reitoria/neab/downloads/desigualdades-raciais-no-brasil-um-balanco-da-intervencao-governamental-2013-jacoudd-beghin/view>. Acessado em 31/05/2010.

então, o mais comum, é el@ procurar excluir, eliminar o que @ incomoda.

De modo geral o padrão sócio-cultural em que @ interlocutor@ está inserid@ serve de parâmetro para classificar os que serão incluídos e os que serão excluídos. O modelo traz a contraposição como negativa. Por exemplo: No século IV, bárbaro era aquele que não era romano. Até o século XVII, mulher era aquela que não era homem. Ainda hoje, “negr@ é aquel@ que não é branc@, homossexual é aquel@ que não é heterossexual”.³⁶ E na Igreja Católica, juridicamente, o leigo é: “o que não é clérigo, o que não é religioso [...]”.³⁷

Aquel@ que mais se identificar com o padrão ideal será considerad@ @ mais human@ e mais direitos lhe serão reconhecidos, e quanto mais afastad@ do padrão, menos parecerá human@, e menos direitos lhe serão garantidos. O problema é que normalmente “as pessoas que personificam o ‘ideal’ tendem a padronizar o restante pelo mesmo padrão ideal”.³⁸

Eliminar ou abrandar ‘o preconceito e a discriminação’ não é nada fácil. Eles estão ligados à construção social e histórica das relações de poder, e às relações materiais de produção que são estabelecidas entre os seres humanos em um período histórico, determinando os grupos que social e economicamente estão incluídos ou excluídos da sociedade.

Nas relações de poder duas vozes têm sido determinantes na história da humanidade por terem, por séculos, caminhado juntas: a do estado e a religiosa.

2.2.

Estado e Religião

Toda sociedade é caracterizada pela cultura que a envolve, e a cultura ocidental foi moldada pelos padrões do cristianismo. Hoje, não há mais a aliança, ‘estado – religião cristã’ na maior parte dos países ocidentais, e as pessoas encontram-se em meio a uma pluralidade de religiões e valores. Mas cada pessoa, mesmo não sendo cristã, possui no seu inconsciente as marcas do tempo em que

³⁶ MACIEL, T. Carolina. *A construção social da deficiência*. In: II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia. Florianópolis: UFSC. Anais do Seminário, 2007, p. 162.

³⁷ Trata-se daquele a quem não foi dado um carisma, ou uma vocação ou um ministério especial. Cf. BINGEMER, M. Clara. *A identidade crística*. SP: Ed. Loyola, 1998, p.22.

³⁸ MACIEL, *A construção social...*, p. 163.

havia hegemonia no pensamento religioso. Sem dúvida, importantes valores cristãos foram e são transmitidos ainda hoje, mas também recebemos, no passado, palavras baseadas em interpretações bíblicas sem uma hermenêutica adequada, e sem o conhecimento que a ciência nos traz na atualidade. Palavras que serviram para justificar ações discriminatórias e influenciaram de tal maneira a percepção em relação a certos grupos, que ainda hoje fazem gerar diferentes tipos de violência.

Para entendermos melhor esta relação, vamos fazer um breve retrospecto histórico de como o cristianismo e o estado se uniram, até se divorciarem, em um passado bem próximo.

O Novo Testamento nos mostra que, quando as primeiras comunidades se formaram, havia uma pluralidade cultural que foi respeitada em todas as igrejas, e o discurso religioso se fixava na importância de testemunhar a experiência salvífica dos discípulos com Jesus Cristo. “A sabedoria da Igreja foi manter as diferenças entre as diferentes maneiras de viver o seguimento de Jesus, enriquecendo a vida eclesial”.³⁹ Eram experiências diversas marcadas por alguns traços comuns: dons carismáticos, a centralidade em Cristo, a pneumatologia, a fraternidade e a igualdade.

Já no século II o cristianismo começou a sentir necessidade de se transformar para enfrentar os desafios, as perseguições, as acusações, mas embora neste período já houvesse a preocupação de preservar a tradição apostólica e a identidade cristã, isso não impedia que as mudanças continuassem acontecendo. Com o Imperador Constantino (cerca de 285-337) ‘estado e religião’ se aproximaram e depois com o Imperador Teodósio (347-395) o cristianismo, no ano 380⁴⁰, passou a ser a religião oficial do Império. Com isso o discurso religioso adquiriu uma característica absolutista e imperial. No entanto, no curso da história a Igreja percebeu que para ser fiel a sua missão, só “assumindo a linguagem da época poderia ser entendida, só respondendo aos desafios concretos poderia ser significativa, só deixando transparecer a mensagem evangélica poderia ser atraente sem perder a sua identidade e finalidade”.⁴¹

³⁹ TEPEDINO, Ana Maria. *Iniciação teológica: Encontro com a Igreja de Jesus Cristo* (Eclesiologia). Rio: PUC-Rio, 2000, p. 30.

⁴⁰ HELLFELD, Mathias von. *Cristianismo tornou-se religião do Império Romano em 380 dC*. Disponível em: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,4224599,00.html>. Acessado em 17/01/2012.

⁴¹ MIRANDA, França de. *A Igreja no atual pluralismo cultural e religioso*. Disponível em: ht

A cristandade se formou através dos séculos em resposta aos desafios socioculturais do ocidente europeu. Na época da cristandade que teve seu apogeu na Idade Média, Igreja e Estado fizeram uma espécie de acordo na preservação dos valores cristãos. A Igreja Católica ditava as normas morais enquanto o poder civil monárquico reconhecia oficialmente a Igreja, e os valores cristãos eram tidos como essenciais para a vida da sociedade que os aceitava quase que homoganeamente.

A Reforma Protestante, em 1517, provocou uma revolução religiosa que teve início na Alemanha, e se estendeu para outros países dividindo a Igreja do Ocidente entre os católicos romanos e os reformados ou protestantes. A Reforma trouxe diversas mudanças conceituais na doutrina cristã, e permitiu o acesso do povo à Bíblia através das traduções feitas por vários reformadores que partiram do latim para as línguas nacionais. Essa liberdade fez com que fossem surgindo igrejas de denominações diferentes e independentes.⁴²

A Igreja Católica e algumas denominações cristãs tiveram embates sangrentos, mas o protestantismo se fortaleceu, e nos séculos seguintes surgiram outras denominações reformadas, tais como os Batistas e os Metodistas.

De acordo com Maximilian Weber⁴³ a reforma protestante foi um movimento renovador e marcou para muitos católicos e protestantes o início da modernidade. Seu princípio era a liberdade, e esta foi a sua proposta. Mas para isso precisava manter os ideais individualistas, libertários e críticos dos momentos iniciais da Reforma. Isto aconteceu até que “foi preciso escolher entre modernidade ou liberdade, pois ambas, não podiam coexistir”.⁴⁴ Dessa forma, quando o mundo protestante descobriu que para progredir era necessário se moldar ao sistema de produção capitalista, segundo Rubem Alves,⁴⁵ “ficou impossível manter os ideais do início, e precisou abortar esses ideais”.⁴⁶

[tp://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:0jNowPHUw-cJ:www.cnl.org.br/pub/publicacoes/d6e73947c1c1d05c4b057420b5bbe7ab.doc+A+Igreja+no+atual+pluralismo+cultural+e+religioso+Fran%C3%A7a+de+Miranda&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:0jNowPHUw-cJ:www.cnl.org.br/pub/publicacoes/d6e73947c1c1d05c4b057420b5bbe7ab.doc+A+Igreja+no+atual+pluralismo+cultural+e+religioso+Fran%C3%A7a+de+Miranda&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acessado em 15/06/2010.

⁴² SUA PESQUISA. COM. *Reforma Protestante e Contrarreforma*. Disponível em site: <http://www.sua.pesquisa.com/protestante/>. Acessado em 16/06/2010.

⁴³ Foi considerado um dos fundadores da Sociologia. Autor de diversos livros. Entre eles: *A ética protestante e o espírito do capitalismo*; *Ensaio Reunidos de Sociologia da Religião*; *A ciência como vocação*; *A política como vocações*; e *História Geral de Economia*.

⁴⁴ WEBER, Max. *On charisma and Institution Building*. Chicago: The University of Chicago Press, 1968, p. 38.

⁴⁵ Psicanalista, educador e teólogo. Entre outros, autor de *Religião e Repressão*; *Se eu pudesse viver a minha vida novamente*; *Entre a ciência e a sapiência*; *Do universo à jabuticaba*.

⁴⁶ ALVES, Rubem. *Religião e Repressão*. São Paulo: Teológica/ Edições Loyola, 2005, p. 57.

Na sociedade ocidental, ‘cristianismo e estado’ caminharam juntos por séculos, pois em quase todos os países do ocidente, o cristianismo era oficial. “A mais poderosa e mais abrangente foi a Igreja Católica, mas as Igrejas ortodoxa, anglicana, calvinista, luterana”,⁴⁷ entre outras, também foram religiões oficiais em diversos países.

Como religião oficial o cristianismo participou e foi protagonista de importantes decisões, cabendo às igrejas cristãs⁴⁸ orientar e guiar seus fiéis de acordo com os interesses de ambos: Religião e Estado.

Diversos grupos dentro da sociedade ocidental sofreram e sofrem com o ‘preconceito e discriminação’, mas três grupos, apesar das diferenças existentes entre eles, possuem alguns importantes aspectos comuns:

- Foram considerados diferentes e inferiores ao ideal padrão construído culturalmente na sociedade ocidental. - Seus perseguidores encontraram no ‘discurso religioso’ embasamento para justificar o preconceito. - Ainda hoje “o preconceito a esses grupos é obstáculo à efetivação de direitos e à consolidação de projetos de vida emancipatórios”.⁴⁹ São eles: a mulher, @ negr@ e @ homossexual.

Pelos motivos acima apresentados, escolhemos estes grupos como focos principais desta dissertação. Procuraremos entender o que se encontra por trás das construções culturais que, de modo individual e coletivamente, colaboraram para gerar o ‘preconceito’ e a ‘discriminação’ a estes grupos. Fatores que permanecem até hoje. Com este objetivo relembremos um pouco da história de cada um.

⁴⁷ Um exemplo que podemos dar é o da Igreja Luterana Sueca, que de acordo com Verônica Melander, tornou-se uma igreja estatal. Para ela as instituições do estado também se tornaram instituições da Igreja sueca. Considerava-se que a unidade do estado era baseada na unanimidade religiosa. Todos os cidadãos eram forçados a confessar a fé luterana. Cf. MELANDER, Verônica. *Gênero e ministério na Igreja Sueca*. Disponível em site: www.iserassessoria.org.br/novo/arqsupl/oad/99.DOC. Acessado em 22/06/2010, p.4.

⁴⁸ Quando nos referirmos a igrejas cristãs estaremos incluindo a igreja católica, todas as denominações protestantes, e até as Pentecostais e Neopentecostais.

⁴⁹ COLETIVOS DE ENTIDADES NEGRAS. *Lançamento da Comissão de Gênero, Etnia e Diversidade sexual no RJ*. Disponível no site : <http://cenbrasil.blogspot.com/2010/06/lancamento-da-comissao-de-genero-etnia.html>. Acessado em 20/06/2010.

2.3.

A história da mulher

Na antiguidade primeira, quando ainda o matrimônio era feito em grupos, e a solidariedade entendida como norma preponderante para se definir as condições de vida da família, acredita-se que ‘o matriarcado’ era o grande modelo de sexualidade⁵⁰. De acordo com Highwater⁵¹, provavelmente, foi na “mitologia primitiva que se originou a primeira concepção da sexualidade”.⁵² “A mitologia estava ligada ao culto da fertilidade, representada por deusas femininas generosas, reprodutoras, capazes de multiplicar a vida”.⁵³ Mas a partir do momento que a agricultura começou a ser descoberta como meio de subsistência, e os instrumentos agrários puderam ser confeccionados, os primeiros agrupamentos perceberam a possibilidade de exercer certo controle sobre a natureza, e a partir daí aconteceram grandes transformações no relacionamento entre os seres humanos e a divindade, os seres humanos e a natureza, e entre os próprios seres humanos, incluindo o relacionamento entre homens e mulheres. Surgiram, então, novas formas de relações sociais e econômicas.

A conversão de riquezas em propriedade familiar advinda do excedente de produção, o reconhecimento da paternidade, a relação entre ato sexual e procriação podem compor um quadro explicativo para a reorganização da estrutura familiar primeva, determinando o surgimento da família monogâmica.⁵⁴

Para Highwater “Na medida em que os homens foram estendendo seu poderio, e a mulher foi cedendo seu espaço, a mitologia feminina foi desaparecendo no meio de novas interpretações, ao mesmo tempo em que uma mudança lenta e gradual acompanhava os estágios de organização das sociedades”.⁵⁵ Com o tempo, a figura feminina que outrora, no imaginário social, tinha lugar de destaque devido a sua ligação e integração com a terra e a

⁵⁰ Nas sociedades agrárias do Oriente Médio, na mitologia primitiva sumeriana, na dos astecas, gregos, africanos, até as sociedades indígenas americanas do século XX encontram-se referências ao culto à fertilidade, representado por deusas femininas, generosas e reprodutoras, capazes de multiplicar a vida. Cf. ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. São Paulo: Global, 1984.

⁵¹ Pesquisador. Autor de ‘Mito e sexualidade’.

⁵² HIGHWATER, Jamake. *Mito e sexualidade*. São Paulo: Saraiva, 1992, p. 40.

⁵³ MOUKARZEL, M. Graças das. Heranças históricas sobre sexualidade e deficiência na tradição ocidental. In: *Sexualidade e deficiência: superando estigmas em busca da emancipação*. Campinas: UEC, Faculdade de Educação, 2003, p.8.

⁵⁴ IDEM. *Ibidem*, p.10.

⁵⁵ HIGHWATER, *Mito e sexualidade*, p. 45.

fertilidade, passava a uma visão de subserviência e inferioridade. “O homem apodera-se dos meios de produção, explorando e submetendo a mulher à condição de servidora”.⁵⁶ O sexo masculino, então, começava a ser considerado como paradigmático.⁵⁷

Apesar da Bíblia nos mostrar que o povo de Israel foi conhecendo Deus e modificando a percepção que tinha dele através dos tempos, o padrão judaico que prevaleceu foi o de um Deus masculino, racional, ciumento, dominador do ser humano e da natureza. Este arquétipo hebraico inaugurou a tradição patriarcal, representando uma nova configuração de forças entre o matriarcado primeiro e o patriarcado antigo. Modelo que acabou seguido pelos sistemas filosóficos, sociais, e políticos governados por homens.

Na história de Israel, a mulher foi oprimida e vista como um objeto negociável, da mesma forma que os animais. A passagem bíblica, Gn 2, 4b-25, traz a mulher (Eva) sendo criada da costela do homem (Adão), o que foi determinante para a interpretação ‘da submissão da mulher ao homem’. Na realidade, no judaísmo, a mulher não só era submissa ao homem, mas também não tinha direitos, só deveres.

Segundo Tereza Cavalcanti⁵⁸, “o fato de nascer homem ou mulher em Israel decretava o grau de maior ou menor dignidade da pessoa na vida social e religiosa. Isto era tão forte na sociedade judaica que, no século II dC, os judeus passaram a rezar três vezes ao dia a oração do rabi Ben Jehuda”: Louvado sejas por não me ter feito gentio! Louvado sejas por não me ter feito mulher! Louvado sejas por não me ter feito ignorante!⁵⁹

Na Grécia Antiga, berço da civilização ocidental, existe referências mitológicas a um suposto período que teria sido controlado pelo sexo feminino, e onde é possível encontrar princípios que expliquem a estrutura familiar patriarcal, herdeira das tradições gentílicas. Nesta mitologia, Gaia, a Deusa-Mãe da vida, única criadora do mundo e da humanidade foi derrotada após uma sucessão de batalhas entre deuses e homens, o que “reduziu a mulher a um permanente estado de impotência e submissão”.⁶⁰ O movimento patriarcal grego trouxe um modelo

⁵⁶ MOUKARZEL, *Sexualidade e deficiência*, p. 11.

⁵⁷ O que significa que surgia como o padrão ideal.

⁵⁸ Professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Autora do livro *A lógica do amor*.

⁵⁹ CAVALCANTI, Tereza Maria. *Relações Interpessoais em uma narrativa do evangelho de Marcos*. In: *Revista Atualidade Teológica*, fasc. 12, 2002, p.355.

⁶⁰ MOUKARZEL, *Sexualidade e deficiência*, p. 13.

de estética, beleza e perfeição voltado para a sexualidade masculina. Na família grega clássica, o domínio paterno podia ser equiparado ao poder de um senhor de escravos, e a mulher percebida como inferior, não possuía os direitos políticos dos homens, e era banida do convívio social.

Na Roma Antiga, a mulher também era considerada propriedade da família e objeto de troca. O casamento servia a um fim comercial, e as famílias das mulheres, seguindo as normas de comércio, recebiam dotes ou pagamento de bens. Esta união legalizada era necessária para legitimar a descendência. Já entre a plebe, as uniões aconteciam pela necessidade de sobrevivência. A partir do século I aC., o direito romano ampliou o controle da sexualidade familiar instituindo o pátrio poder, no qual concedia ao homem o direito de deliberar sobre a vida dos filhos, esposa e agregados. Dessa forma, “a família romana passou a ter um sistema de relações sociais baseado na servidão”.⁶¹

O cristianismo, embora proveniente do judaísmo trazia em sua base doutrinária a grande novidade dos evangelhos canônicos. Na Igreja Primitiva a mulher era ativa, engajada, discípula, missionária, líder, responsável pelas igrejas domiciliares. De acordo com Ana Maria Tepedino,⁶² Jesus no seu relacionamento com as pessoas, não fazia acepção. “A todos(as) acolhe e com todos(as) se relaciona da mesma forma. Isto foi verdadeiramente revolucionário.”⁶³ Para ela “Lc 8, 1-3 nos introduz na realidade deste movimento mostrando que, apesar de não constar nenhum nome feminino como pertencente aos doze apóstolos⁶⁴ não havia apenas doze homens, mas também mulheres”⁶⁵. Jesus considerava todos os seres humanos iguais, e da mesma maneira que os pobres e os pecadores fizeram parte do seu discipulado, ele incluiu a mulher como sua seguidora. Ela ainda nos diz que “Fiorenza⁶⁶ vai mais além quando afirma que as mulheres não eram figuras marginais no movimento cristão, mas exerciam liderança como apóstolas

⁶¹ MOUKARZEL, *Sexualidade e deficiência*, p. 15.

⁶² Professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio, e autora de *As discípulas de Jesus; Teia do conhecimento; Amor e discernimento*.

⁶³ TEPEDINO, Ana Maria. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 82.

⁶⁴ As passagens bíblicas com os nomes dos doze apóstolos estão em Mt 10, 2-4; Mc 3,16-19, e Lc 6,13 - 16.

⁶⁵ IDEM. *Jesus e seu movimento inclusivo* (Gl 3,28). Disponível em site:http://anamariatepedino.teo.br/wp-content/uploads/2011/03/jesus_movimento_inclusivo.pdf. Acessado em 06/11/09, p.2.

⁶⁶ Teóloga cuja pesquisa é voltada, principalmente, para a teologia feminista. Autora de diversos livros, entre eles: *As origens cristãs a partir da mulher; Caminhos de sabedoria; Jesus e a política da interpretação; discipulado de iguais*.

em situação de igualdade com os 12”.⁶⁷ O motivo da invisibilidade feminina entre os apóstolos estaria na prática de não nomear mulheres, já que estas, na sociedade da época, eram, como vimos, marginalizadas, só obtendo cidadania quando vinculadas a algum personagem masculino, como por exemplo, o marido ou o filho. No Novo Testamento, então, “as mulheres não são levadas em consideração nas histórias, a não ser que tenham uma fama muito grande, impossível de apagar”.⁶⁸

Para Maria Clara Bingemer em uma determinada tradição judaica, a mulher passou a ser oprimida pela sua constituição corporal. Sua anatomia não lhe permitia passar pelo rito da iniciação do judaísmo e era submetida a um número menor de mandamentos do que o homem, o que a diminuía em sua dignidade, pois a glória para o povo de Deus era viver segundo a lei de Deus. O seu ciclo menstrual foi considerado impuro, e com isto ela foi segregada em muitas esferas da vida social, pública e religiosa.

As mulheres no judaísmo do tempo de Jesus eram consideradas social e religiosamente inferiores por não serem ‘circuncidadas’, não fazendo parte da aliança com Deus, e ainda apontadas como responsáveis pela entrada do pecado no mundo e pela morte em consequência do pecado. No entanto, a atitude de Jesus para com as mulheres foi tão revolucionária que chegou a surpreender aos seus discípulos. “Ele as tornou ativas e participantes (Lc 10,38-42), e ainda beneficiárias privilegiadas de seus milagres (Lc 8,2; Mc 1,29-31; Mc 5, 25-34; Mc 7, 24-30)”.⁶⁹

As mulheres desempenharam um papel extremamente importante nesta transformação social oriunda da visão evangélica que a práxis e a palavra de Jesus trouxeram. Elas aparecem em diversas categorias de marginalizados, como representantes dos pequenos e oprimidos. “Jesus resgatou a dignidade das mulheres pela sua práxis libertadora, e a Igreja Primitiva parece ter assimilado as esperanças de Jesus ao introduzir um ritual de iniciação não sexista, tal como o batismo”.⁷⁰

⁶⁷ TEPEDINO, *As discípulas de Jesus*, p. 90.

⁶⁸ TAMEZ, Elza. *As mulheres no movimento de Jesus, o Cristo*. S. Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 43.

⁶⁹ BINGEMER, Maria Clara. *La mujer: protagonista de la evangelización*. Revista Diakonia. El Salvador, CA. N. 125, março de 2008, p. 97. Disponível em site: www.uca.edu.ni/diakonia. Acessada em 18/03/2011.

⁷⁰ IDEM, *La mujer*, p.92-93.

Para o cristão ‘o batismo’ significa uma nova vida, e a participação das mulheres nele confere a elas não só igualdade aos homens, mas as coloca como semelhantes a Cristo, ou seja, em um patamar que não existia até então em Israel. “O batismo traz uma ruptura radical com o passado, surgindo um novo modo de ser. Com esta ruptura o batizado se faz semelhante a Cristo por uma morte semelhante a sua.”⁷¹ Uma morte que rompe com o passado, e abre para o futuro.

Para René Laurentin⁷², nas primeiras comunidades “em contraste com os costumes judaicos, o rito de iniciação - o batismo – é conferido também as mulheres e não se percebe nenhuma polêmica nesse sentido”.⁷³ Entretanto a Igreja não deu continuidade à revolução de Jesus com as mulheres. Ela teve que abdicar das mulheres para poder levar adiante a evangelização. “O peso cultural foi e continua sendo mais forte”.⁷⁴

Como exemplo da importância das mulheres na Igreja Primitiva podemos encontrar as citações de seus nomes no Novo Testamento. Entre outras, Maria, mãe de Jesus, Maria de Magdala, Marta e Maria. Os evangelhos registram que estas e outras mulheres estiveram presentes em ocasiões determinantes, e algumas foram tão importantes que são citadas mais de uma vez⁷⁵. Existem ainda muitas outras citadas em Atos dos Apóstolos, e nas cartas de Paulo que “trabalhavam ativamente, como é o caso de Prisca, Lídia, Ápia, Trifena, Trifosa, etc.”⁷⁶

Jerome O’Connor⁷⁷ afirma que as epístolas paulinas mostram que para Paulo “ [...] era natural que as mulheres fossem ministros da Igreja em igualdade de condições com os homens. Reconhecia seus dons como frutos de Espírito, aos

⁷¹ BINGEMER, M. Clara. *O Batismo, fonte do ministério cristão*. O caso das Comunidades Eclesiais de base (CEBs) In: Concilium n. 334, 2010, p. 36.

⁷² Francês, exegeta, teólogo, historiador ex-perito do Concílio Vaticano II. É especialista em Mariologia, e autor de "When God Gives a Sign".

⁷³ LAURENTIN, René. *Jesus e as mulheres: uma revolução ignorada*. In: Concilium n. 154, 1980/84, p. 81.

⁷⁴ TEPEDINO, Ana Maria. *Feminismo e libertação na voz de Ana Maria Tepedino*. SRZD. Disponível em site :<http://www.sidneyrezende.com/noticia/13860>. Publicada em 21/06/2008. Entrevista. Acessado em 16/03/2011.

⁷⁵ Maria de Magdala, por exemplo, é a mulher mais citada no N.T. Ela aparece 12 vezes. (Mt 27,56; Mc 15,40; Lc 23, 49; Jo 19,25; Mt 27,61; Mc 15,47; Lc 23:55; Mt 28,1-10; Mc 16,1-5.10.11; Lc 24,1-10; Jo 20,1-18. Cf: EXSURGE DOMINI. *O evangelho de Maria Madalena* Disponível em site: <http://www.exsurge.com.br/apologeticas/canom%20da%20biblia/textos%20canom%20da%20biblia/oevangelhode mariamaddalena.htm>. Acessado em 27/04/2011

⁷⁶ CAMPOS, Mônica B. *As CEBs e o inclusivismo católico na América Latina*, p.9. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st3/Campos,%20Monica%20Baptista.pdf>. Acessada em 03/12/09.

⁷⁷ Frei Dominicano, professor de Novo Testamento no École Biblique em Jerusalém. Autor de Paulo, biografia crítica; A antropologia pastoral de Paulo; etc.

quais ele não tinha nem o desejo, nem a autoridade de se opor”.⁷⁸ No entanto, não encontramos, normalmente, essas leituras nas interpretações dos exegetas tradicionais. Para Elisabeth S. Fiorenza as leituras da Bíblia não fazem jus ao real ‘status’ da mulher nas comunidades primitivas. Nas cartas genuínas de Paulo, por exemplo, podemos ver o título de apóstolo dado a Junia e de diácono a Febe. Além disso, em Fl 4,2-3 Paulo diz que Evódia e Síntequa “combateram” lado a lado com ele. O que nos leva a perceber que “enquanto as reuniões foram feitas em casas de família, diversas mulheres assumiram lideranças, pois este era um lugar permitido às mulheres”⁷⁹.

No entanto, quando a estrutura da Igreja começou a se aproximar do mundo grego e do Império Romano, principalmente da filosofia estoicista, a sexualidade passou a ser vista negativamente, e colocada em função apenas da procriação. A grande revolução trazida por Jesus Cristo, de um Deus repleto de misericórdia, compaixão e amor que aceitava a todos como iguais, e respeitava, valorizava a mulher, foi desaparecendo.

A mulher, não só voltou a ter uma posição de ‘inferioridade em relação ao homem’, mas também foi considerada ‘traíçoeira e pecadora’. O corpo passou de templo do Espírito Santo⁸⁰ a ser concebido como a morada do mal, do prazer e do pecado, e a alma ameaçada pelo demônio precisava ser preservada, pois representava o sentido da existência. As mulheres foram, pouco a pouco, sendo retiradas do trabalho apostólico, e as que decidiram consagrar sua vida a Jesus foram recolhidas a clausuras, obrigadas a usar hábito, a fazer votos solenes, e a trabalharem às margens do poder.

Segundo a professora Ana Maria Bidegain⁸¹ “a história das mulheres a partir daí no cristianismo, é oculta, marginalizada e anedótica”.⁸² Mas, ainda assim, as mulheres continuaram presentes, não deixando de atuar nos mosteiros ou em suas casas onde exerceram uma função catequética, e apesar de invisibilizadas pela história, “foram chamadas a participar da vida apostólica nos momentos de forte

⁷⁸ O’CONNOR, M. Jerome. *Paulo, biografia crítica*. São Paulo: Edições Loyola, SP, 1996, p.285.

⁷⁹ FIORENZA, Elisabeth S. *As Origens Cristãs a partir da Mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1992, p. 193.

⁸⁰ Imagem Paulina encontrada no N.T. em Ef 2,22; 1Cor 3, 16; 6,19.

⁸¹ Historiadora e professora na Universidade da Flórida. Autora do livro *Participación y protagonismo de las mujeres em la historia del catolicismo latinoamericano*.

⁸² BIDEGAIN, A. Maria. *Participación y protagonismo de las mujeres em la historia del catolicismo latinoamericano*. Buenos Aires: San Benito, Argentina, 2009, p. 8.

crise da Igreja católica, exercendo funções de organização de redes ligadas ao poder econômico, social, educativo e religioso, dentro dos conventos”.⁸³

Com a ampla difusão da doutrina cristã, aos poucos, a visão negativa da sexualidade e a necessidade da mulher estar somente ligada à procriação, uniu-se às exigências da sociedade da época, servindo de base para a estrutura da sociedade ocidental como hoje conhecemos.

De acordo com Gary Macy⁸⁴ até a metade do século XII, “as mulheres eram cogitadas para a ordenação como qualquer homem. Elas eram consideradas como parte do clero”.⁸⁵ Eram ordenadas diaconisas, serviam como bispas, distribuíam comunhão e até ouviam confissões. “As evidências mais óbvias vêm dos ritos de ordenação”.⁸⁶

Na protoigreja, as mulheres eram viúvas, virgens e diaconisas. Na Igreja medieval, havia não apenas diaconisas, mas também *presbyterae* (mulheres sacerdotes), *episcopae* (bispas) e abadessas. Os termos *presbyterae* e *episcopae* são, às vezes, usados para designar as esposas de sacerdotes e bispos, mas não sempre.⁸⁷

A situação começou a mudar a partir do século XI, quando houve o movimento de reforma gregoriana e parte do programa de reforma era a implantação do celibato:

Alguns dos reformadores denegriam as mulheres para tornar o casamento menos atraente. Além disso, os canonistas optaram por seguir o direito romano mais antigo que negava às mulheres o direito de depor. Os teólogos também sustentaram que as mulheres não eram feitas à imagem de Deus [...].⁸⁸

A combinação do celibato com o direito romano e canônico, e a Bíblia estigmatizou as mulheres como sendo inferiores e incompetentes, tornando impossível que fossem consideradas capazes para ocupar qualquer cargo.

⁸³ BIDEGAIN, *Participación y protagonismo...*, p.16.

⁸⁴ Jesuíta, professor de teologia na universidade Santa Clara, nos Estados Unidos. Autor de *The hidden history of women's Ordination*.

⁸⁵ MACY, Gary. *A igreja deveria cogitar o retorno à ordenação de mulheres*. Entrevista concedida a Márcia Junges para o IHU On-line. Disponível em site: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2596&seção=295. Publicada em 01/06/09. Acessada em 13/02/ 2011.

⁸⁶ Cf. Macy os ritos de ordenação para diáconas estão contidos no pontifical do bispo Egbert de York, do século VIII, no sacramentário gregoriano do século IX e no pontifical romano do século XII. Os papas Bento VIII em 1018; João XIX em 1025 e 1026; Bento IX em 1037; Leão IX em 1049; e Calisto II em 1123, fazem referência, todos eles, a mulheres ordenadas. Gilbert, bispo de Limerick (cerca de 1070-1145), Thietmar, bispo de Merseburg (em 1018), e Atto, bispo de Vercelli (924-961), também fazem referência a mulheres ordenadas. Cf. IDEM. *Ibidem*.

⁸⁷ IDEM. *Ibidem*.

⁸⁸ IDEM. *Ibidem*.

De acordo com Gary Macy, Tomás de Aquino foi bem explícito quanto a isto: “A razão pela qual [as mulheres] estão sujeitas e não no comando é que elas são deficientes em termos de razão, a qual é extremamente necessária para presidir”.

Para Tomás de Aquino essa seria a razão pela qual Aristóteles em sua obra Política (livro 4, cap. 11) disse que “existe corrupção do governo quando este cabe às mulheres”.

Gary Macy continua explicando que:

No cerne do conceito de mulher da Igreja Medieval tardia, se encontrava a firme crença de que as mulheres eram, por natureza, inferiores aos homens, e esta compreensão estava parcialmente baseada na filosofia de Aristóteles. [...] Os homens são frios, e as mulheres são quentes. Os homens são ativos, e as mulheres são passivas.⁸⁹

O conhecimento do corpo humano até o século XVIII no mundo ocidental trazia um único modelo de sexo, e a realização máxima desse modelo se dava no corpo do homem. “A mulher era compreendida como um homem invertido e inferior. Invertido porque se considerava que o útero era o escroto feminino, os ovários eram os testículos, a vulva um prepúcio e a vagina um pênis. Inferior porque no modelo metafísico ideal do corpo humano, o grau de perfeição era alcançado pelo homem”.⁹⁰ A diferença entre homem e mulher, na época, acontecia a partir das posições sociais e culturais distintas que cada um exercia. A palavra ‘sexo’ só era usada para designar os órgãos reprodutores”.

No final do século XVIII e início do século XIX, a revolução burguesa e o Iluminismo mudaram a realidade social e as mulheres tornaram-se, em princípio, iguais aos homens. Perante a lei todos eram seres racionais e iguais, e o estado burguês pretendia respeitar a liberdade dos cidadãos. No entanto, a mudança exigida pela igualdade jurídico-política entre homens e mulheres era tão grande que se questionava até que ponto isso seria possível naquela sociedade. Deu-se, então, a procura pela delimitação dessa igualdade, surgindo a necessidade de marcar a diferença de sexos. Os princípios que demarcavam o plano moral eram: a

⁸⁹ MACY, *A igreja deveria cogitar...* Disponível em site: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2596&seção=295. Publicada em 01/06/09. Acessada em 13/02/ 2011.

⁹⁰ SILVA, Adriana. Breve conceituação histórica do conceito de homossexualidade. In: *Homossexualidade e discriminação: o preconceito sexual Internalizado*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2007, p. 20. Disponível no site: http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/Bu_sca_etd_s.php?strSecao=resultado&nrSeq=9652@2. Acessado em 20/03/ 2010.

propriedade e o fortalecimento da ideia de individualidade.

As diferenças entre homem e mulher começaram, a partir daí, a ser pensadas em termos de oposição. “Partiu-se do princípio de que havia uma divisão bipolar do sexo, e os dois sexos eram diferentes em todos os aspectos concebíveis: corpo e alma; físico e moral”.⁹¹

Essa divisão bipolar do sexo passou a justificar e impor diferenças morais aos comportamentos femininos e masculinos, seguindo as exigências da sociedade burguesa, capitalista e individualista da época.

A mulher voltou a ser signo da fragilidade da vida privada e da família, enquanto o homem se manteria na esfera do público e da política. “A distinção era dada a partir do encéfalo que determinava uma superioridade intelectual do homem e uma superioridade afetiva da mulher, assinalando a cada sexo um estatuto social diferente”.⁹²

A ‘política científica da sexualidade’ passou a diferenciar o corpo feminino em três níveis distintos: os ossos, os nervos e o prazer sexual. De acordo com a estrutura óssea⁹³ e a constituição nervosa⁹⁴, a mulher foi qualificada para as atividades domésticas e desqualificada para a vida pública. Em relação ao prazer sexual, no momento em que o conhecimento científico da sexualidade dissociou o orgasmo da reprodução, a mulher foi chamada a dispensar o prazer e voltar-se para a família e a procriação. De acordo com esta política a vocação ‘natural’ da mulher era o cuidado da casa, dos filhos e os relacionamentos familiares. Os traços femininos compatíveis com sua vocação seriam ‘dependência, cooperação, afetividade, sensibilidade e lealdade’. Ela deveria procriar para reproduzir a força de trabalho e “a família tornava-se, deste modo, a célula do estado burguês”.⁹⁵

O homem, por outro lado, devido à sua força física e moral passou a ter o papel de protetor; ele era visto como ativo enquanto a mulher era passiva. Esta concepção se estendeu pelos séculos XVIII, XIX e XX, com o papel masculino pressupondo uma série de características, comportamentos e interesses definidos culturalmente como apropriados aos membros do sexo masculino. O homem era o trabalhador, provedor, chefe de família e líder, e para exercer estas atividades

⁹¹ SILVA, Breve conceituação... In: *Homossexualidade*, p. 21.

⁹² IDEM. *Ibidem*, p. 22.

⁹³ Craniana e pelviana.

⁹⁴ A mulher era considerada mais sensível e sugestível.

⁹⁵ IDEM. *Ibidem*, loc. cit.

precisava ter traços masculinos, tais como: confiança, assertividade, racionalidade, seriedade, força, coragem e independência. Segundo Foucault,⁹⁶ principalmente, a partir do século XVII o discurso religioso que ele chama de “dispositivo de aliança” foi unido ao “dispositivo de sexualidade”. O primeiro defendia a aliança entre o casal através do matrimônio, com o sexo acontecendo para marcar as definições de parentesco e a transmissão de bens. O segundo determinava que o sexo deveria ser só para procriação. “Esses dois discursos serviram de suporte aos processos econômicos e à estrutura política existente nos séculos XVIII e XIX”.⁹⁷ Ambos articulavam as parcerias sexuais e familiares” que foram caracterizando a família heterossexual monogâmica, e “uma moral sexual cristã de formação hegemônica”⁹⁸ ainda hoje existente.

Para marcar a necessidade da submissão das mulheres, a Bíblia era citada, principalmente as Cartas Paulinas, como 1Cor 14, 33-40:

Pois Deus não é Deus de desordem, mas de paz. Como acontece em todas as Igrejas dos santos, “estejam caladas as mulheres nas assembleias, pois não lhes é permitido tomar a palavra”. Devem ficar submissas, como diz também a lei. Se desejam instruir-se sobre algum ponto, interroguem os maridos em casa; não é conveniente que a mulher fale nas assembleias[...]”⁹⁹

Se lermos literalmente este texto, sem contextualizá-lo e sem olhar a intencionalidade total da Bíblia, será possível concluir que, se apenas os homens tinham o poder de falar, só a eles era dado e deve ainda ser dado o poder de decidir, de comandar, etc.

Hoje temos a hermenêutica bíblica contemporânea e a exegese que nos trazem informações que desconhecíamos no século XIX. De acordo com José Severino Croatto¹⁰⁰, Paulo estava inserido numa práxis cultural que idealizava os homens em detrimento das mulheres, e por este motivo precisamos ir além do

⁹⁶ Filósofo, ficou amplamente conhecido pelas suas críticas às instituições sociais, especialmente à psiquiatria, à medicina, às prisões, e por suas ideias e da evolução da história da sexualidade. Autor de inúmeros livros, entre eles: doença mental e psicologia; Teorias e instituições penais; Em defesa da sociedade; Soberania e disciplina; História da sexualidade.

⁹⁷ FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2003, p. 100.

⁹⁸ TORRES, Marco Antônio. *Os Significados da Homossexualidade no Discurso Moral religioso da Igreja Católica em Condições Históricas e Contextuais Específicas*. In: Revista de Estudos da Religião (REVER), n.1, 2006, p.151

⁹⁹ BÍBLIA, 1Cor 14, 33-40.

¹⁰⁰ Era teólogo, biblista. Autor de diversos livros. Entre eles: Hermenêutica bíblica; As linguagens da experiência religiosa; Isaías o profeta da justiça e da fidelidade; Êxodo, uma hermenêutica da liberdade.

texto escrito procurando estabelecer um princípio mais radical, através do prisma cristológico de outra afirmação paulina onde diz, em Gl 3,28, que todos, mulheres e homens, seriam um só em Cristo Jesus.

Segundo O' Connor, “a perícopé de 1 Cor 14, 34-35 onde o texto bíblico diz que ‘as mulheres devem se calar na Igreja’, não foi escrito por Paulo”.¹⁰¹ Foi uma inserção feita posteriormente, assim como aconteceu em diversas outras passagens.¹⁰² Como vemos, dar liderança, voz às mulheres, dificilmente podia ser aceito por muito tempo em uma sociedade com padrões androcêntricos tão fortes.

A abordagem, entretanto, que ficou marcada no inconsciente das pessoas, apesar da conscientização da mulher, dos movimentos feministas que foram surgindo, levando, de modo irreversível à participação da mulher aos mais diferentes setores da sociedade, foi a ideia tradicional de subserviência. E ainda hoje, uma parte da sociedade reage não só à participação da mulher, mas às modificações que surgem com a sua presença efetiva na sociedade. Dessa forma, continuamos a ouvir, de mulheres e homens, leig@s e clérigos, na tentativa de se justificarem, que as mulheres devem ser submissas.

Só a partir da metade do século XX, a mulher, após muita luta, sofrimento e determinação, com a ajuda dos movimentos feministas, principalmente na sociedade ocidental, “conseguiu expandir seus domínios para além da casa e filhos, adquirindo legalmente direitos iguais aos homens, e leis de proteção”¹⁰³. Conquistou o mercado de trabalho e, finalmente, saiu da subserviência do homem. Mas, mesmo na sociedade ocidental do século XXI onde a mulher já assume altos postos nas grandes empresas privadas e públicas, chegando ao mais alto cargo da nação brasileira, que é a presidência da república, ainda é possível encontrar ações discriminatórias e extremamente violentas contra a mulher. Segundo dados do Instituto Patrícia Galvão, “no Brasil, estima-se que, a cada 15 segundos uma

¹⁰¹ O' CONNOR, *Paulo, biografia crítica*, p. 296.

¹⁰² IDEM. *Ibidem*, p.296. A nota de rodapé (145) afirma que esta pequena frase, foi acrescentada tardiamente para ficar em harmonia com a passagem não paulina de 1 Tim 2, 11-14.

¹⁰³ LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006, *Lei Maria da Penha* que cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar. Cf. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Disponível no site: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acessada em 23/06/2010.

mulher é espancada”.¹⁰⁴ O mapa da violência realizado pelo Instituto Zangari nos informa que, “entre 1997 e 2007, 10 mulheres foram mortas por dia no Brasil”.¹⁰⁵

A Organização Mundial de Saúde afirma que “quase metade das mulheres assassinadas é morta pelo marido ou namorado, atual ou ex”.¹⁰⁶

No Brasil, apesar da lei Maria da Penha, muitos crimes ficam sem solução. Nas casas permanece o espancamento de mulheres pelos maridos, além de inúmeros assassinatos, e a grande quantidade de casos de violência sexual contra meninas é feita pelos próprios pais, tios, avôs, e namorados das mães. Isto nos mostra que no imaginário masculino a mulher ainda é percebida como inferior e sua propriedade.

Profissionalmente, apesar dos cargos de chefia que atinge, seu salário ainda é, na maioria das empresas, inferior ao de um homem na mesma função.

Na Igreja Católica após o Concílio Vaticano II as mulheres tiveram maiores possibilidades de liderança dentro da igreja. Este acesso possibilitou reflexões teológicas e interpretações bíblicas ligadas a reflexões de gênero que passaram a trazer a dimensão feminina de Deus. Para Maria Clara Bingemer, “Cada pessoa da Trindade mostra uma harmonização de características masculinas e femininas. Trata-se de uma comunidade de amor que se revelou também no feminino, assim como no masculino”.¹⁰⁷ Entretanto, mesmo com o surgimento de uma teologia de gênero, e uma maior valorização da mulher nos discursos religiosos e documentos da igreja, a mulher ainda está fora dos seus ministérios principais.

Para esta teóloga, na Igreja Católica a grande discriminação parece referir-se a algo muito mais forte do que a parte intelectual ou prática. “O patriarcalismo sublinha a superioridade do homem não somente numa perspectiva intelectual ou prática, mas no que chamaríamos de uma perspectiva ontológica”.¹⁰⁸

¹⁰⁴ SILVA, Elaine de Fátima; SILVA, Daiana da; SANTOS, Iara amora dos. *Por uma educação não sexista*. RJ: CAMTRA, 2009, p. 13.

¹⁰⁵ Os resultados do Mapa da Violência no Brasil 2010, do Instituto Zangari, com base no banco de dados do Sistema Único de Saúde (Datasus) são: Em dez anos, dez mulheres foram assassinadas por dia no Brasil. Entre 1997 e 2007, 41.532 mulheres morreram vítimas de homicídio – índice de 4,2 assassinadas por 100 mil habitantes. Cf. MANSO, Bruno P. *Dez mulheres são mortas por dia no Brasil*. Estadão.com.br/Brasil. Publicado em 10/07/2010. Disponível em site: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,dez-mulheres-sao-mortas-por-dia-no-pais,575974,0.htm>. Acessado em 21/04/2011.

¹⁰⁶ SILVA; SILVA; SANTOS. *Por uma educação...*, p. 13.

¹⁰⁷ BINGEMER, Maria Clara. O rosto feminino de Deus. In: *Jesus e o abraço universal*. IHU online. S. Leopoldo: Unisinos. Edição 248, 2007, p.31. Entrevista. Disponível em site: www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1197924111.76word.doc. Acessada em 21/04/ 2011.

¹⁰⁸ IDEM, *La mujer*, p.92. Disponível em site: www.uca.edu.ni/diakonia. Acessada em 18/03/2011.

Algumas igrejas cristãs também permanecem na direção tradicional e sua interpretação bíblica, na maioria das vezes, da mesma forma que a Igreja Católica, não traz a real importância da mulher na igreja primitiva, a não ser quando feita pelas próprias mulheres. De acordo com a pesquisa de Magalhães Filho¹⁰⁹, a mulher protestante de denominação calvinista, da periferia de uma grande cidade, ainda está longe de ser aquela mulher livre e independente. “Ela continua submissa, doméstica, e sonhadora, sofrendo com o estigma de uma sociedade cristã, burguesa e machista”.¹¹⁰

Em uma análise sobre os movimentos pentecostais e neopentecostais, Cecília Mariz¹¹¹ diz que “as igrejas pentecostais e neopentecostais tendem, em linhas gerais, a adotar um modelo bastante similar entre si e o modelo tradicional patriarcal”.¹¹² Mas, há uma distinção, observa a pesquisadora, embora a mulher deva ser obediente, a pregação dessas igrejas limita-se à obediência a Deus, e não ao marido. Esta ênfase leva ao rompimento do machismo tradicional, relativizando o modelo patriarcal da sociedade, pois cobra dos homens um compromisso com Deus, a mulher e os filhos, dando mais autonomia e espírito crítico às mulheres.

Já há um bom tempo, um número expressivo de denominações protestantes históricas permite que a mulher assuma postos de comando e o ministério principal, inclusive o bispado.¹¹³ No Brasil em 1985 começou a ordenação de mulheres pela Igreja Anglicana. Em 2001 elegeu-se a primeira mulher para o episcopado da Igreja Metodista no Brasil.¹¹⁴ E em 2007 a Convenção Batista Brasileira já contava com sessenta e cinco mulheres como pastoras¹¹⁵.

De acordo com o NY Times Magazine, em 2007, apesar da Igreja Católica proibir o acesso da mulher ao diaconato e presbitério, a ordenação de mulheres

¹⁰⁹ Mestrando em Ciências da Família pela UCSAL. Desenvolveu uma pesquisa numa igreja histórica calvinista, com mulheres protestantes, de uma comunidade da periferia de Salvador. Estas mulheres responderam um questionário fechado, e foram observadas durante 30 dias.

¹¹⁰ FILHO, M. José Rômulo de. *Mulher protestante: mulher, mãe e trabalhadora*. Disponível em site: http://www.jrmf.pro.br/mulher_protestante.pdf. Acessada em 22/06/2010, p.7.

¹¹¹ Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. É uma das organizadoras de *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno* (2009).

¹¹² MARIZ, Cecília. *O pentecostalismo e a emancipação das mulheres*. Entrevista. Revista HIU on-line. Disponível em site: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=&Itemid=23&task=detalhe&id=2103>. Acessada em 22/06/2010.

¹¹³ É o caso da Igreja Episcopal dos Estados Unidos que em 2006 escolheu, em 2006, a bispa Katharine Schori, como sua nova líder.

¹¹⁴ IGREJA METODISTA DE VILA ISABEL. Disponível em site : <http://www.metodistavilaIsabel.org.br/artigosepublicacoes/descricocolunas.asp?Numero=756>. Acessado em 12/02/2011.

¹¹⁵ STEPHANINI, Valdir Pr. *Mulheres no Ministério Pastoral Batista*. In: Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: EST, v.3, 2009, p. 467.

vem crescendo na clandestinidade.

Desde 2002, cerca de 40 mulheres católicas foram ordenadas como sacerdotes, desafiando as leis do Vaticano. Embora um pequeno número de mulheres trabalhando como sacerdotes possa parecer apenas uma pequena irritação, e não uma ameaça ao Vaticano, o número não pára de crescer. Mais de 120 mulheres, muitas das quais há muito conectadas com a Igreja, como freiras, capelãs e líderes laicas, estão estudando para a ordenação, no momento. Cerca de 11 mulheres norte-americanas esperam ser ordenadas até setembro.¹¹⁶

A ocupação de cargos de decisão pelas mulheres e a ordenação para os ministérios principais das diversas igrejas cristãs favorecem significativamente as mulheres dessas igrejas e as mulheres em geral. No momento em que discurso e ação conseguem se complementar, pouco a pouco, ajudam a mulher a ser vista sob outra ótica e o comportamento do homem pode aos poucos ir se modificando em relação à mulher. Já nas igrejas cristãs que não aceitam a ordenação, incluindo a Igreja Católica, onde visivelmente não há congruência entre discurso e ação, a divergência é sentida pelos fiéis e pela sociedade, ajudando a dar continuidade às ações discriminatórias consequentes da visão sexista.

Ao fazermos este resumo da história da mulher tivemos oportunidade de mostrar o quanto que a visão de inferioridade da mulher em relação ao homem e o discurso religioso das igrejas cristãs unidas ao discurso do Estado colaboraram para a proliferação do preconceito e da discriminação, produzindo violência em relação à mulher através dos séculos. E mesmo na contemporaneidade, quando a mulher conquista seu espaço nos diversos setores da sociedade, assistimos a um aumento de violência doméstica em relação à mulher, que nos indica a necessidade de ações concretas não sexistas por parte das igrejas e da sociedade em geral.

O próximo grupo que contaremos a história, apesar de fazermos sua abordagem a partir do século XVIII devido à escravidão que sofreram, segundo alguns especialistas, ‘o preconceito’ e ‘a discriminação’ em relação a ele, vem desde o início do judaísmo, cristianismo e islamismo, quando a cor negra foi vinculada ao inferno.¹¹⁷

¹¹⁶ RUSSEL, Jan Jarboe. *Sacerdotes mulheres rezam missas proibidas*. Disponível em site: <http://noticias.terra.com.br/revistas/interna/0,,OI1711235-EI8248,00.html>. Acessado em 12/02/2011.

¹¹⁷ HOFBAUER, Andréas. *O racismo no Brasil e o branqueamento da sociedade*. Entrevista Disponível no site CONEXÃO PROFESSOR: <http://www.conexaoprofessor.rj.gov.br/temas-especiais-11c.asp>. Acessada em 27/03/2010.

2.4. A história d@ negr@

Para falar sobre @ negr@ é necessário antes fazer uma diferenciação entre dois termos relevantes: ‘racismo’ e ‘preconceito racial’, já que muitos pesquisadores o fazem. Para Hélio Santos¹¹⁸, ‘racismo’¹¹⁹ parte do pressuposto que um grupo racial é superior ao outro, e que o grupo inferior possui defeitos de ordem moral e intelectual que são próprios da raça. “Preconceito racial é a construção de uma ideia negativa sobre alguém ou um grupo, produzido a partir de uma comparação realizada com um ‘padrão ideal’ estipulado ou aceito por aquele que julga.”¹²⁰ Neste trabalho citaremos o termo ‘racismo’ ou ‘preconceito racial’, de acordo com o autor, pois ambos os termos apontam o negro ou a raça negra como inferior e este é o nosso foco.

O preconceito em relação @o negr@ teve seu início no processo de colonização quando os defensores da escravidão amparados em uma visão hierárquica da sociedade justificavam a escravidão a partir de um conjunto de estereótipos negativos d@ negr@.

No século XVIII, grande parte dos autores acreditava que as diferenças raciais eram dadas por fatores ambientais, como forças climáticas, geográficas, alimentação, e por vezes, ainda fatores religiosos e morais. Conforme aponta Joanne Melish¹²¹, nos Estados Unidos, inicialmente, havia uma certa maleabilidade na definição racial em relação à cor da pele. Existiram, inclusive, cientistas como S. Stanhope Smith (1751-1819) que acreditavam que “@s african@s poderiam passar por um processo de melhoramento envolvendo o branqueamento da pele a partir de um clima mais favorável e da força da

¹¹⁸ É professor, militante histórico do movimento negro, e escritor de *A busca para o caminho para o Brasil*.

¹¹⁹ A palavra racismo foi lançada por alguns intelectuais europeus para conceituar a luta contra práticas específicas de discriminação implementadas por lei. Este conceito surgiu num momento em que a noção de raça, como fator determinante para todas as formas de diferenças humanas, começava a ser posta em xeque pela ascensão das “culturas humanas”, ao mesmo tempo em que regimes políticos, como a Alemanha nazista, aplicavam as velhas teses raciais biologistas e deterministas para promover políticas de discriminação, segregação e até de extermínio de grupos humanos indesejados. Cf. HOFBAUER, *O racismo no Brasil e o branqueamento...*

¹²⁰ SANTOS, Hélio. *Discriminação Racial no Brasil*. In: Gilberto Vergne Saboia; Samuel Pinheiro contra o Racismo, *Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata*. Brasília: Ministério da Justiça, 2001, p. 83.

¹²¹ É professora associada de história, na Universidade de Kentucky. Autora de vários livros, entre eles: *Disowning Slavery: Gradual Emancipation and "Race" in New England, 1780–1860*.

civilização cristã-ocidental”.¹²²

É importante ressaltar que, hoje, um grande grupo de historiadores acusa a religião cristã de ter compactuado com a escravidão. No entanto, há grupos dentro das igrejas cristãs que defendem o cristianismo¹²³, dizendo que não se pode julgar os erros do passado com os parâmetros do presente. Se no passado houve aceitação da escravatura, não foi apenas a comunidade cristã, mas toda a humanidade, pois este foi um sistema aceito por todos. De acordo com este grupo, a primeira voz que teria denunciado a escravidão saiu de uma igreja cristã, num movimento liderado pelos Quakers.¹²⁴ Outro grupo afirma que muitos padres da Igreja Católica, mesmo aceitando a escravidão, denunciavam em seus sermões os maus tratos feitos aos escravos. Um exemplo importante desse tipo de discurso é um sermão feito pelo Pe. Antonio Vieira: ‘o Sermão Décimo Quarto’.¹²⁵ Ao falar em uma missa à Irmandade d@s pret@s de um engenho (1633), no dia de São João Evangelista, na Bahia, com a presença dos senhores do engenho e seus/suas escrav@s, o Pe. Antônio Vieira colocou @s ‘pret@s’ como devotos do Rosário de Maria, e filhos privilegiados da mãe de Jesus, nascidos entre as dores da cruz. Seguindo sua exposição, citou a Bíblia, o Salmo III, onde é dada a nomeação genealógica dos pretos por origem.¹²⁶ Mas em seguida, seu discurso avançou para a compreensão do apoio da Igreja Católica ao tráfico de escravos da África, onde afirmou que os negros “[...] como todos os christãos, posto que fossem gentios, e sejam escravos, pela fé e pelo batismo estão incorporados em Christo, e são membros de Christo”.¹²⁷

Nesse momento passou a explicar o projeto colonizador, mostrando através de perguntas e respostas que os filhos de Deus, mesmo @s “aligenígenas” e @s escrav@s, tinham o direito de serem cristãos, e para isso era importante trazê-l@s

¹²² MELISH, Joanne Pope. *Disowning slavery*. Gradual Emancipation and Race in New England, 1780–1860. Ithaca: Cornell University Press, 1998, p.149.

¹²³ VILLAR, H. J. João de. *Cristianismo e escravidão: somos culpados?* Editora Ultimato. Disponível em site: <http://www.ultimato.com.br/?pg=showconteudo&util=1&categoria=3®istro=758>. Acessado em 06/06/2010.

¹²⁴ Originalmente, os Quakers eram os seguidores de George Fox, um pregador Inglês que, por volta de 1647, começou a pregar a doutrina do "Cristo no interior", mais tarde, "luz interior". Embora Fox não tivesse a intenção de estabelecer um corpo religioso separado, seus seguidores logo começaram a se agrupar em forma de organização. A primeira exposição completa da doutrina da "inner light" foi escrita pelo escocês Robert Barclay Quaker. Cf. SOCIEDADE DE AMIGOS - QUAKERS. Disponível em site: <http://mb-soft.com/believe/tcm/quakers.htm>. Acessado em 21/03/2010.

¹²⁵ VIEIRA, Antônio. *Sermões e cartas*: Antologia. Rio de Janeiro: Agir, 1968. p. 296.

¹²⁶ IDEM. *Ibidem*, p. 297.

¹²⁷ IDEM. *Ibidem*, p. 300.

para o convívio d@s branc@s crist@os. Louvou @s negr@s pela sua alta missão como crist@os a serem salvos, dizendo que deveriam dar infinitas graças por terem sido tirad@s das terras onde viviam como genti@s para serem crist@os, e se salvarem. Prosseguindo, insistiu que essas palavras não eram suas, mas da autoridade máxima, a Bíblia, e citou a profecia: “Virá tempo, diz David, em que os Ethyopes (que sois vós), deixada a gentilidade e a idolatria, se hão de ajoelhar diante do verdadeiro Deus e não baterão as palmas como costumam, mas fazendo oração, levantarão as mãos ao mesmo Deus”.¹²⁸

É relevante lembrar que nesta época o tráfico de escravos era visto como uma necessidade para o progresso da colônia, e a indústria açucareira surgia como sua força motriz. Dessa forma um parceiro da coroa portuguesa dificilmente se colocaria contra a escravidão.

Segundo Andreas Hofbauer¹²⁹ a cor negra veio sendo associada, desde o início, no cristianismo, judaísmo e islamismo ao inferno. E devido a uma releitura de Gn 9,25 na qual “o povo negro era da descendência de Cam, filho de Noé, que foi amaldiçoado por Deus para ser escravo dos escravos”,¹³⁰ a cor negra foi associada à maldição e à culpa. Já a cor branca, ao contrário, expressava o divino e a pureza da verdadeira fé. O homem branco era o paradigma, construindo-se a partir daí a inferioridade do negro. “Transformar negr@ em branc@ era um ideal e uma atitude moral-religiosa sempre associada aos processos de conversão”.¹³¹

Embora o processo de evangelização para o cristianismo tenha se diferenciado em cada país, todos partiram dos mesmos paradigmas. Dessa forma, todos os países para onde @s negr@s foram levados como escrav@s, tiveram os seus elementos legitimadores. Aqui, abordaremos, principalmente, o contexto colonial brasileiro, pois se trata da nossa realidade, entretanto apesar de suas características particulares, o Brasil sofreu a influência dos conceitos e paradigmas que predominavam no mundo.

O tráfico negreiro foi incentivado como uma empresa para resgatar as almas pagãs perdidas. Assim, além da visão governamental brasileira em relação à

¹²⁸ VIEIRA, Sermões e ... , p. 303.

¹²⁹ Professor do Departamento de Sociologia e Antropologia da Unesp, campus Marília. Autor de uma história de branqueamento ou o Negro em questão.

¹³⁰ MARRA, Mariel. *Atuais formas de racismo na Igreja Evangélica Brasileira*. Disponível em site:<http://jornalismogospel.com.br/modules.php?name=News&file=print&sid=9590>. Acessada em 22/06/2010.

¹³¹ HOFBAUER, *O racismo no Brasil...*

escravidão, somava-se o projeto missionário da Igreja Católica, a economia nacional e o próprio direito de propriedade. Todos caminhando juntos em prol de uma política de branqueamento do país.

Logo após a abolição da escravatura (1888) veio à proclamação da República (1889), e com ela a propagação dos ideais de igualdade e cidadania. No entanto, uma sociedade fundamentalmente hierárquica com muita dificuldade aceitaria os direitos individuais d@s negr@s, surgindo, então, formulações racistas¹³² calcadas no conceito de raça com o propósito de cercear os direitos dos negros.

Segundo Hebe Maria Mattos,¹³³ o conceito de raça foi uma “contrapartida possível à generalização de uma concepção universalizante de direitos do cidadão em sociedades que não reuniam condições políticas efetivas para realizá-lo”.¹³⁴ “Esse conceito teve sua origem no ‘racismo científico’ em pleno desenvolvimento na Europa, a partir de 1870”,¹³⁵ tornando-se amplamente aceito entre 1880 e 1920. De acordo com esta teoria, as raças seriam separadas por desigualdades naturais que definiriam as potencialidades individuais e o cenário político-social. Neste cenário a capacidade d@s negr@s era vista com restrições, surgindo uma tese discriminatória da necessidade de haver um branqueamento no Brasil, onde a superioridade branca levaria ao progressivo desaparecimento d@ negr@ cuja presença era mal vista no país.¹³⁶

Após a abolição, o Brasil teve um grande crescimento em seu processo econômico, com trabalhos voltados para a urbanização a fim de desenvolver a indústria. Ferrovias foram construídas, houve a organização de instituições de crédito, o incremento do comércio, e a abertura de novas fronteiras agrícolas a oeste, mas essas oportunidades não puderam ser aproveitadas pela população

¹³² Racista - proveniente de raça, assim como racismo.

¹³³ É professora do Departamento de História da UFF e autora de livros como: *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravagista, e Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*.

¹³⁴ MATTOS, Hebe Maria. *Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 12.

¹³⁵ JACCOUD, Luciana. Racismo e República: o debate sobre o branqueamento e a discriminação racial no Brasil. In: THEODORO, Mario (org.). *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 anos após a abolição*. Brasília: IPEA, 2008, p. 47 Disponível em site: http://www.cnbb.org.br/site/images/arquivos/files_4a854db9336eb.pdf. Acessado em 30/05/2010.

¹³⁶ IPEA - Instituto de pesquisa econômica. *Desigualdades raciais, racismo e políticas públicas: 120 anos após a abolição*. Comunicado a Presidência. Diretoria de Estudos Sociais (Disoc) n. 4, p. 3. Disponível no site: [http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/pdf/08_05_13_120 anosAbolicaoVcoletiva.pdf](http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/pdf/08_05_13_120%20anosAbolicaoVcoletiva.pdf). Acessado em 30/05/2010.

negra livre porque o preconceito da sociedade branca de que @ negr@ era inferior, favorecia a entrada de trabalhador@s europeus/éias que se encontravam dentro do modelo antropológico aceito como ideal e desejado para o Brasil. Neste aspecto, as políticas públicas foram essenciais para o aprofundamento das desigualdades ao promoverem a imigração. Embasados na ideologia do branqueamento, as políticas públicas favoreceram a vinda maciça d@s imigrantes europeus/éias, “deslocando a população negra livre para os trabalhos de menor renda e status dentro do mercado de trabalho, além de não lhes garantir o acesso à educação”.¹³⁷

De acordo com Oracy Nogueira,¹³⁸ “a estrutura social extremamente rígida no período pós-abolição já era um elemento capaz de perpetuar a configuração existente quanto às condições de vida e sociais da população.”¹³⁹ Antes mesmo da abolição da escravatura algumas leis já contribuíam para a exclusão d@ negr@ após tornar-se livre. Entre elas, citamos a lei de Terras¹⁴⁰ que trazia grandes restrições às possibilidades d@ negr@ ter acesso a terra. Esta lei foi promulgada no mesmo ano da lei Euzébio de Queiroz (1850) que proibia o tráfico de escravos. Esta lei foi feita exatamente na época de transição do trabalho escravo para o trabalho livre.

Para @s imigrantes a estrutura permitiu a ascensão social, pois mesmo pobres e ignorantes, el@s eram aceit@s nas boas famílias por serem branc@s, servindo inclusive para branquear as famílias sobre as quais havia qualquer suspeita de impureza racial. Segundo Rafael Osório¹⁴¹, “para o mulato que tinha conseguido ser bem sucedido era a oportunidade de branquear seus descendentes, habilitando-os para voos mais altos em direção ao topo da pirâmide social”.¹⁴²

Dentro desse quadro, podemos dizer que as desigualdades existentes no processo de inclusão econômica d@ negr@ não foram apenas frutos de diferentes pontos de partida, mas um reflexo de oportunidades desiguais para sua ascensão

¹³⁷ IPEA, *Desigualdade raciais...* Comunicado a Presidência, p. 4.

¹³⁸ É sociólogo, professor. Autor de vários livros: Negro político, Político negro; Preconceito de marca; entre outros.

¹³⁹ NOGUEIRA, O. *Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga*. São Paulo: Edusp, 1998, p. 168.

¹⁴⁰ Lei nº 601/1850. Cf. IPEA, *Desigualdades raciais*, p. 3.

¹⁴¹ É economista, pesquisador do IPEA, autor de diversos artigos sobre a questão racial.

¹⁴² OSÓRIO, Rafael G. *Desigualdade racial e mobilidade social no Brasil: um balanço das teorias*. In: THEODORO, Mario (org.). *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 anos após abolição*. Brasília: IPEA, 2008, p. 75. Disponível em site: http://www.cnbb.org.br/site/images/arquivos/files_4a854db9336eb.pdf. Acessado em 30/05/2010.

social. @ branc@ foi o privilegiad@, sendo identificad@ como o grupo possibilitador de ascensão de status, e @ negr@ como um grupo inferior, incapaz.

Segundo Petrônio Domingues¹⁴³, houve a segregação d@ trabalhador@ negr@ no período pós-escravidão, através a implementação de um projeto de branqueamento pelas elites. Este projeto era claro e visava à extinção d@ negr@. Pelas estimativas “o tempo necessário para a extinção d@ negr@ no país oscilava entre 50 e 200 anos. Previsões que eram difundidas, inclusive, nos documentos oficiais do governo”.¹⁴⁴

O ideal de branqueamento veio consolidar-se nas décadas de 1920 e 1930, do século XX, mesmo com o enfraquecimento das ‘teorias deterministas da raça’. Naquela época acreditava-se que o problema racial no Brasil se encaminhava para ter um fim com o branqueamento da população. Mas a partir de 1930, o discurso racista começou a desaparecer, tanto no campo político como no processo de desenvolvimento nacional, passando a haver um pensamento racial que via a mestiçagem no Brasil de forma positiva, “baseando-se na unidade do povo como produto das diferentes raças, cuja convivência harmônica permitia ao país fugir dos problemas raciais de outros países”.¹⁴⁵

Na década de 1940 a interpretação do problema racial passou por uma transformação com uma nova ideia; a democracia racial como expressão da experiência brasileira. A partir da obra de Gilberto Freyre¹⁴⁶ na década de 1950 este pensamento ganhou espaço no debate nacional, trazendo uma visão benevolente da época da escravidão, com uma perspectiva otimista sobre a tolerância e a mestiçagem. Houve uma reinvenção da história do Brasil, ao se referir a uma convivência social pacífica entre branc@s e negr@s. No entanto, a substituição do discurso racista pelo mito da democracia racial trouxe uma mudança, e o ideal do branqueamento foi ultrapassado, passando-se a valorizar o povo brasileiro.

Durante o período dos governos militares, o mito da democracia racial

¹⁴³ É professor de história na Universidade Estadual do Oeste do Paraná e autor do livro *Uma história não contada*.

¹⁴⁴ DOMINGUES, Petrônio J. *Negros de alma branca? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930*. Disponível no site: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X2002000300006&script=sci_arttext. Acessado em 10/03/20 11.

¹⁴⁵ IPEA, *Desigualdades raciais...* Comunicado a Presidência, p. 9.

¹⁴⁶ Foi educador e catedrático de Economia Política da Faculdade de Direito de Recife. Autor de *Casa Grande e Senzala* (1933); *Sobrados e Mucambos* (1935); *Manifesto Regionalista de 1926* (1952); *Heróis e Vilões no romance brasileiro* (1979); etc.

passou a ser dogma. Em 1970 o Ministro das Relações Exteriores declarou que “não há discriminação racial no Brasil, não havendo necessidade de qualquer medida de natureza legislativa, judicial ou administrativa para determinar a igualdade de raças no Brasil”.¹⁴⁷ Neste período a questão racial desapareceu do cenário nacional e só com a redemocratização o tema do preconceito e discriminação @o negr@, retornou, trazendo à tona a desigualdade racial diluída no debate sobre justiça social, identificando a desigualdade quase que de forma exclusiva através da distribuição de renda.

Como já foi mostrado anteriormente, o discurso religioso cristão, de modo geral, foi favorável a escravidão e se beneficiou com a escravidão ao apoiar o estado. Segundo Rafael Marquese,¹⁴⁸ os protestantes não admitiam a escravidão, mas os católicos conciliavam as condições de cristão e escravo. Segundo este pesquisador, para os protestantes não havia como ser cristão e aceitar este regime. Em um de seus trabalhos¹⁴⁹ Marquese dedicou a primeira parte às teorias cristãs do governo dos escravos, que em sua maioria, foram escritas por religiosos e estavam calcadas em questões importantes para a Igreja Católica.

Apesar da posição do pesquisador acima mencionado, o movimento negro brasileiro¹⁵⁰, em 2008 “apontou as igrejas protestantes históricas como omissas na escravatura”¹⁵¹ e foi feito um manifesto solicitando que estas igrejas se pronunciassem sobre os 121 anos de abolição inacabada, e pedissem perdão por terem sido cúmplices, se omitindo diante da escravidão e do racismo sofrido pelo povo negro. Segundo o manifesto, “o Brasil mantém uma das mais acentuadas desigualdades social e econômica do mundo”,¹⁵² e a população negra encontra-se à margem da riqueza produzida pela sociedade brasileira.

¹⁴⁷ OSÓRIO, *As políticas públicas*, p.52.

¹⁴⁸ É historiador, professor do Departamento de História da USP. Autor de diversos artigos, e do livro *Feitores do Corpo, Missionários da Mente - Senhores, Letrados e o Controle dos Escravos nas Américas, 1660-1860; o Brasil Imperial vol 2, 1931-1870; etc*

¹⁴⁹ MARQUESE, B. Rafael de. *Feitores do Corpo, Missionários da Mente: Senhores, Letrados e o Controle dos Escravos nas Américas, 1660-1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

¹⁵⁰ O maior desafio do Movimento Negro no Brasil é acabar com o preconceito racial. O movimento começou a ganhar força na década de 30, com a Frente Negra Brasileira. Mas somente em 1978 nasceu o Movimento Negro Unificado que deu origem a vários grupos de combate ao racismo, como associações de bairro, terreiros de candomblé, blocos carnavalescos, núcleos de pesquisa e várias organizações não governamentais. Cf. KLICK EDUCAÇÃO. Disponível em site:<http://www.klickeducacao.com.br/conteudo/pagina/0,6313,POR-1255-9464-,00.html>. Acessado em 22/06/2010.

¹⁵¹ INFORGOSPEL.COM. Disponível no site: <http://inforospel.wordpress.com/2009/05/16/movimento-negro-diz-que-igrejas-foram-omissas-na-escravatura/>. Acessado em 22/06/2010.

¹⁵² IDEM. *Ibidem*.

O texto convoca a Igreja brasileira ‘a romper com o silêncio e com o mito da democracia racial, a fim de que ocorra uma profunda transformação em toda a sociedade’. Tal pedido de perdão, segundo o manifesto, deve vir acompanhado de ações afirmativas e de reparações.

Algumas igrejas responderam ao manifesto, entre elas o Sínodo Geral da Igreja Anglicana dizendo que estava estudando a possibilidade de pedir desculpas pela participação desta igreja no comércio de escravos. De acordo com o Reverendo Simon Bessant, da diocese de Blackburn, noroeste da Inglaterra, “a Igreja deveria confessar seu pecado perante Deus e reconhecer sua participação ativa na escravidão e o dano causado aos escravos e a seus herdeiros”.¹⁵³ Segundo este reverendo, a Igreja, mesmo que tenha sido fora do Brasil, através de sua filial missionária, foi dona de uma plantação em Barbados, “onde os escravos eram marcados como gados no peito com a palavra ‘Sociedade’, referente à Sociedade para a Propagação do Evangelho no Estrangeiro.”¹⁵⁴

O Conselho da União Batista da Grã-Bretanha (CUBGB) reconhecendo a participação e o benefício que desfrutaram através do tráfico de escravos, preparou uma resolução de desculpas onde diz: “Oferecemos nossas desculpas a Deus e a nossos irmãos e irmãs por toda a dor que causamos, originada no horror da escravatura”.¹⁵⁵

Como o Movimento Negro explica, as consequências de uma abolição não completada são de uma injustiça social que precisa ser redimida. E o manifesto propõe às igrejas uma série de ações afirmativas tais como: o acesso de afrodescendentes aos seminários e cursos teológicos, a ampliação de sua participação em cargos de direção das igrejas, o aumento do número de bispos e bispas, pastores e pastoras, além da criação e fortalecimento de ministérios de combate ao racismo. Em relação ao campo teológico, o manifesto aponta como necessária uma releitura bíblica que resgate o povo negro desde os tempos bíblicos, produzindo uma hermenêutica que possa ser entendida como uma causa

¹⁵³ BLOG DO PERDÃO. *Pedir perdão ao povo negro*. Disponível em: <http://perdaopovonegro.blogspot.com/2008/01/pedir-perdo-ao-povo-negro.html>. Acessado em 22/06/2010.

¹⁵⁴ IDEM. *Ibidem*.

¹⁵⁵ IDEM. *Batistas fazem uma reflexão do pedido de desculpa pela escravidão*. Disponível em: <http://perdaopovonegro.blogspot.com/2008/06/batistas-fazem-uma-reflexo-do-pedido-de.html>. Acessado em 22/06/2010.

política. Esse manifesto foi assinado por dez organizações¹⁵⁶, que solicitam ainda um programa de ação onde esteja incluído o ‘diálogo inter-religioso’.

É importante aqui lembrar que o Papa da Igreja Católica, João Paulo II, no ano 2000 pediu o perdão divino para a culpa que a Instituição e seus seguidores acumularam ao longo dos tempos, e entre essas culpas encontravam-se “os pecados contra os direitos dos povos e o respeito à diversidade cultural e religiosa”.¹⁵⁷ Não se tratava de um perdão direto sobre a escravidão, e tampouco uma preocupação em sugerir medidas positivas, mas reconhecer que houve uma evangelização forçada a serviço da colonização de povos dominados, onde podemos localizar os povos africanos. “A consciência de que a exigência de reconhecer as culpas próprias tem razão de ser para todos os povos e para todas as religiões”.¹⁵⁸

Apesar da enorme relevância deste ‘manifesto’, também é preciso ressaltar que alguns trabalhos já vinham sendo feitos pelas igrejas cristãs, procurando resgatar a dignidade d@ negr@ através da hermenêutica bíblica. Entre esses trabalhos citamos os que têm sido realizados, desde 1980, nas Comunidades Eclesiais de Base. Trata-se de trabalhos organizados pela Igreja Católica, por diversas Igrejas históricas cristãs, e alguns movimentos negros.

Outros passos também marcantes desenvolvidos pela Igreja Católica podem ser citados. Entre eles: - em 1983, a criação dos agentes de pastoral negros. Esses agentes proporcionaram uma maior visibilidade do negro e da luta pelo resgate da sua dignidade, como cidadão e cristão. - em 1988, ao se festejar 100 da Abolição da Escravatura, houve a Campanha da Fraternidade sobre o ‘negro’, refletindo sobre algumas questões muito importantes. - em 1990, a criação pelo Pe. Toninho¹⁵⁹ do grupo Atabaque de Teologia e Cultura Negra, hoje Centro Atabaque, que vem desenvolvendo um importante trabalho ecumênico. Este

¹⁵⁶ Dentre elas, a Comissão Ecumênica Nacional de Combate ao Racismo, os Fóruns de Lideranças Negras Evangélicas e de Afrodescendentes Evangélicos, e a Aliança de Negros e Negras Evangélicos do Brasil. Cf. IDEM. Ibidem.

¹⁵⁷ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Memória e Reconciliação: a Igreja e as Culpas do Passado*. Vaticano, 2000. Disponível em site: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20000307_memory-reconc-itc_po.html. Acessada em 15/04/2011.

¹⁵⁸ IDEM. Ibidem.

¹⁵⁹ Antônio Aparecido da Silva se destacou pelo combate a toda e qualquer forma de discriminação racial. Faleceu em 2010.

grupo¹⁶⁰ surgiu “com o propósito de subsidiar a reflexão e a prática dos agentes de pastoral Negros, intensificando também o intercâmbio com grupos e entidades internacionais envolvidos com a luta pela cidadania plena de todos os afrodescendentes”.¹⁶¹ Apesar da morte do Pe. Toninho, em 2010, este grupo permanece trabalhando para a superação de preconceitos em busca do diálogo afroreligioso.

De acordo com José Geraldo Rocha¹⁶², a luta dos negr@s no Brasil têm sido marcada por uma compreensão teológica, o que “propiciou um encontro com um Deus que se fez um com o povo negro”.¹⁶³ Para ele, “os agentes de pastoral passaram a atuar nas comunidades a partir de uma compreensão teológica em que os empobrecidos, oprimidos e marginalizados foram tornando-se sujeitos do processo histórico.”¹⁶⁴ Essa condição de sujeito histórico fez crescer o desejo de participação na vida eclesial e ajudou a recriar formas de atuação.

Ao se analisar na contemporaneidade como se dá a discriminação d@ negr@ no Brasil, foi percebido que esta ocorre, principalmente, de duas formas: nas relações sócio-pessoais, e nas relações institucionais. A primeira, os movimentos acreditam que possa ser combatida por intermédio de leis¹⁶⁵, e de uma educação voltada para o respeito ao diferente, mas a segunda faz parte do racismo institucional, estrutural ou sistêmico, e é mais difícil de se combater porque acontece no funcionamento cotidiano das instituições e organizações que agem de forma diferenciada na distribuição de serviços, benefícios e oportunidades aos diferentes grupos raciais. Estas instituições seguem as forças

¹⁶⁰ É formado por homens e mulheres; leigos e presbíteros; católicos, protestantes e iniciados na tradição dos orixás; filósofos, educadores, teólogos e terapeutas.

¹⁶¹ OLIVEIRA, Irene Dias. *Memória: Antonio Aparecido da Silva (Pe.Toninho)*. Adital. Entrevista. Disponível em site: <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=44128>. Acessada em 14/04/2011.

¹⁶² Professor na UNIGRANRIO/Rio e autor, entre outros do livro *E Deus se fez negro*; e de diversos artigos tais como: *Retalhos da nossa história* e *Um clamor de justiça*.

¹⁶³ ROCHA, José Geraldo. *E Deus se fez negro*. In: PUC-Minas periódicos. Disponível em site: <http://periódicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/viewPDFInterstitial/1224/2091>, p. 215.

¹⁶⁴ IDEM. *Ibidem*.

¹⁶⁵ As constituições no Brasil, desde 1937 fazem alusão ao Princípio de Igualdade, porém as leis ordinárias que regulamentam o preceito constitucional surgiram em 1951 com a Lei Afonso Arinos (nº 1390 de 03/07/51) e a Lei Caó, criminalizando o racismo em 1989, e a Lei 9459, de 13/05/97 de autoria do então Deputado Federal Paulo Renato Paim. Juntem-se a estas leis internacionais tais como: Declaração dos Direitos Humanos (1948), Convenção Internacional Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (1965). Cf. SILVA, P. Nivaldo. *As leis antirracistas como combate ao preconceito e à discriminação racial em estados do Nordeste e Sudeste do Brasil*. Escola Superior do Ministério Público: FESMIP-BA, 2005. Disponível em site: <http://www.fesmip.org.br/arquivo/monografia/MONO%20NIVALDO.pdf>. Acessado em 31/05/2010, p. 38.

sociais reconhecidas como legítimas pela sociedade, o que contribui para a reprodução contínua da discriminação baseada na hierarquia racial que ainda vê @negr@ como proveniente de uma raça inferior à raça branca.¹⁶⁶

Por fim, abordaremos a história do último grupo: @ 'homossexual'. Como vocês poderão perceber, 'o preconceito' e 'a discriminação' a este grupo, seguiu e segue na mesma direção dos outros dois.

2.5. A história d@ homossexual

Em todas as épocas e culturas, o amor entre pessoas do mesmo sexo sempre existiu, e isto pode ser comprovado pela arqueologia, artes e literatura através das descrições que trazem sobre amizades, aventuras e romances.

A história também nos mostra que a aceitação do ato sexual entre 'homem e mulher' está ligado à cultura, da mesma forma que a aceitação ou rejeição do ato sexual entre iguais. Nas sociedades onde os atos sexuais entre iguais são rejeitados, essas relações são proibidas e esses atos sexuais considerados pecaminosos; já nas sociedades onde essas relações são aceitas, os atos homossexuais são percebidos como naturais.

Na interpretação tradicional bíblica encontramos: - em Gn 1, 26-27 que Deus criou os seres humanos conforme a sua imagem: 'macho e fêmea', o que significa que a humanidade está dividida em 'homens e mulheres' - em Lev 18,22¹⁶⁷ lemos "Não te deitarás com um homem como se deita com uma mulher. É uma abominação..."

De acordo com releituras mais contemporâneas, essas passagens possuem outras interpretações. Gn 1, 26-27 poderia indicar que a imagem de Deus expressa em nós é 'macho e fêmea', portanto temos qualidades femininas e masculinas, dentro de nós.¹⁶⁸ Em Lev 18,22, de acordo com Daniel Helminiak¹⁶⁹ havia a proibição do ato sexual entre iguais, mas esta proibição estava ligada à

¹⁶⁶ IPEA, *Desigualdades raciais...* Comunicado a Presidência, p. 7.

¹⁶⁷ BÍBLIA, Lev. 18,22.

¹⁶⁸ HELLENS, J. Harold. *Sexo na Bíblia*. Novas considerações. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p. 64.

¹⁶⁹ É padre jesuíta, teólogo, psicoterapeuta, professor do Instituto Pastoral de Pittsburgh, e autor de *The Same Jesus: A Contemporary Christology*; *Spiritual Development: An Interdisciplinary Study*; *What the Bible Really Says about Homosexuality*, etc.

idolatria, à infidelidade de Israel a Deus, e ao sacrifício de crianças.

Segundo este autor, os atos sexuais entre iguais são tratados no livro do Levítico, numa seção chamada ‘O Código Sagrado’, onde encontramos leis e punições para que Israel permaneça ‘sagrada’ aos olhos de Deus. Nesta seção são considerados impuros ou abomináveis e proibidos: certos animais como a lagosta, o camelo, o porco e o camarão, e algumas práticas que, envolviam diferentes tipos de elementos, ou dois tipos de sementes, ou dois tipos de fibra, ou um homem fazendo sexo com outro homem como se fosse mulher.

Em Lev 20,13¹⁷⁰ consta: “O homem que se deita com outro homem como se fosse uma mulher, ambos cometeram uma abominação; deverão morrer, e o seu sangue cairá sobre eles”. Para Helminiak, embora o ato sexual entre iguais não fosse considerado uma ofensa sexual, ele era considerado uma ‘traição religiosa’. Israel tinha com o Senhor uma aliança e por isso não poderia repetir comportamentos atribuídos a costumes étnicos de outros povos. A realização de qualquer comportamento pagão era entendida como traição, merecer a pena de morte.¹⁷¹

Além disso, havia ainda em Israel grande preocupação com a semente desperdiçada, fato que remonta a Abraão. Israel precisava formar uma grande nação, e para o entendimento da época, qualquer semente que não fosse lançada para procriação seria perdida, e estaria impedindo a formação desta grande nação. Gn 38, 6-10 nos mostra a importância dada à procriação para se atingir a posteridade. Nesta passagem, Onan querendo impedir que sua cunhada engravidasse, pois isto serviria para dar posteridade ao seu irmão que havia morrido e não a ele próprio, ao ter relações sexuais com ela, joga seu sêmen fora. Isto desagradava a Deus que o castiga com a morte.

Outro aspecto importante, é que para o judeu, a troca de papéis de gênero indicava desonra. Na Torah encontramos relatos que mostram que era comum ao exército vencedor de uma batalha humilhar o perdedor, sodomizando-o”.¹⁷²

Em Israel o gênero era visto na mesma perspectiva de perceber o indivíduo

¹⁷⁰ BÍBLIA, Lev 20,13.

¹⁷¹ HELMINIAK, Daniel A. *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*. São Paulo: Edições GLS, 1998, p. 49.

¹⁷² Significa que os soldados vencedores obrigavam os perdedores a fazerem coito anal eles, como forma de humilhação.

como um microcosmo do universo. Nesse quadro de referência, os garotos que se aproximavam do feminino, mostrando-se frágeis fisicamente, eram considerados apropriados apenas para exercerem papéis passivos, e isto, para os homens, era desonroso. “A hierarquia determinava que o masculino estivesse acima do feminino, a força acima da fraqueza, e assim, cada corpo deveria ocupar o seu lugar”.¹⁷³ O corpo feminino era considerado inferior e a masculinidade de um homem estava na prontidão que ele possuía para agir com honra em prol do interesse público. O gênero era uma questão de ‘identidade social’ e não de ‘identidade pessoal’ ou de ‘desejo sexual’.

Para os Romanos os atos sexuais entre iguais eram ‘aceitos e comuns’. Segundo Xavier Pikasa,¹⁷⁴ encontramos no Novo Testamento em Mt 8, 5-13 Jesus curando o ‘amante’ doente do centurião. Segundo este pesquisador, não era permitido nos quartéis o militar viver com esposa e filhos, pois não podiam ali ter família própria. Dessa forma era comum terem ‘criados que serviam de amantes’. Este deveria ser o caso deste centurião, que também em Lucas 7,1-10 aparece pedindo que cure o seu servo, mas dizendo a Jesus que não entrasse em sua casa, pois não era digno de recebê-lo. Pikasa explica que o centurião sabia que Jesus poderia ter problemas se fosse a sua casa. Jesus era judeu, e ele, um centurião que tinha um amante, o que não era aceito pelo judaísmo. Mas, ele acreditava que Jesus possuía o poder para curar, e para isso bastaria apenas ordenar. Jesus o fez, e curou o servo do centurião, elogiando ainda tamanha fé. Segundo Pikasa:

A palavra ‘pais’ pode ter três significados: servo, filho e amante (quase sempre jovem) e pode resultar escandalosa. O texto paralelo de Jo 4, 46b evita o escândalo e coloca ‘huios’ (filho), em vez de ‘pais’; mas com isto temos que mudar toda a cena, pois os soldados não costumavam viver com a família, nem cuidar dos filhos até depois de se formarem. Por isso, o centurião aparece aqui como um membro da corte real de Herodes (um *basilikós*). Também Lc 7,2 pretende evitar as complicações e apresenta esse ‘pais’ como ‘doulos’, um simples criado a serviço do centurião. Com isto resolveu um problema, mas criou outro: é verossímil que um soldado ame tanto ao seu criado? Por isso preferimos manter a tradução mais óbvia de ‘pais’ dentro do seu contexto militar.¹⁷⁵

Para este autor o mais simples e normal neste texto é que tenha sido um

¹⁷³ HELMINIAK, *O que a Bíblia realmente diz.*, p.169.

¹⁷⁴ Foi padre Jesuíta e professor da Pontifícia Universidade de Salamanca. É autor de vários livros: Panorama de la teología española, Verbo Divino, Diccionario de teólogos contemporáneos.

¹⁷⁵ PIKASA, Xavier. *Jesus cura o amante do centurião*. ECOS (Rumos Novos), Set. 2009. Disponível em site: <http://www.diversidadecidarelipucricio.com.br/?cat=11>. Acessado em 22/02/2011.

jovem amante e que outras passagens bíblicas como Rom 1,24-27¹⁷⁶ estivessem se referindo a ela, ao condenar o ato entre iguais.

Por isso Deus os entregou a paixões aviltantes: as suas mulheres mudaram as relações naturais por relações contra a natureza; igualmente os homens, deixando a relação natural com a mulher, arderam em desejo uns para com os outros, praticando torpezas homens com homens e recebendo em si mesmos a paga de sua aberração.

Segundo Leland White¹⁷⁷ o termo ‘natureza’ no texto de Paulo enquadra-se num modelo de percepções, julgamentos e afirmações sobre o corpo, de acordo com a hierarquia social e o gênero mediterrâneo tradicional da época. Isto é reafirmado em Rm 1,26-27¹⁷⁸ As afirmações de Paulo na Carta aos Romanos eram dirigidas a um público composto por judeus que se encontravam em Roma e que tinham aceitado Jesus Cristo como Messias de Israel. Paulo se referia na carta aos atos que eram cometidos pelos romanos. Para ele, a característica dos gentios era a ‘idolatria’, e a característica dos judeus era a ‘fidelidade ao Deus de Israel’.

O uso da palavra ‘natureza’ por Paulo na carta aos Romanos, significava o que era ‘costumeiro e comum’. Paulo se referia a este ato como ‘antinatural ou contra a natureza’ porque o ato se opunha ao ‘convencional’ ou o que era ‘legal’. Quando se refere ‘de acordo com a natureza’, Paulo queria dizer “de acordo com os costumes de Israel’, ou seja, comportamento puro e santo”.¹⁷⁹

De acordo com Robert E. Goss,¹⁸⁰ não é possível traduzir uma palavra bíblica como ‘homossexual’. O conceito de orientação sexual não existia no mundo mediterrâneo antigo. É importante que hoje tenhamos em mente que “A Bíblia não fala sobre orientação sexual, identidade de gênero ou sobre a heterossexualidade, ou subjetividades modernas, homossexualidade, bissexualidade e identidade transgênero”.¹⁸¹ Essas identidades não existiam na cosmovisão bíblica, apenas o ato em si.

Na Grécia antiga, de acordo com Plutarco as relações heterossexuais não

¹⁷⁶ BÍBLIA, Rm 1,26-27.

¹⁷⁷ Leland J. White é editor do Biblical Theology Bulletin.

¹⁷⁸ VITO, R. *Interrogações sobre a construção da sexualidade: relações entre pessoas do mesmo sexo na Bíblia Hebraica*. In: P. JUNG & J.CORAY (org). *Diversidade Sexual e Catolicismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p.165.

¹⁷⁹ IDEM. *Ibidem*, p.192.

¹⁸⁰ Robert E. Goss foi padre Jesuíta, é teólogo. Autor de *A Gay and Lesbian Manifest* (1993); *Queering Christ: Beyond Jesus ACTED UP* (2002), etc.

¹⁸¹ GOSS, Robert E. *La homosexualidad, la Biblia y la Practica de Textos Seguros*. Disponível em http://www.mccinthevalley.com/safetexts_sp.html. Acessado em 24/02/2011.

estavam ligadas ao amor, pois a mulher era vista como intelectual, física e emocionalmente inferior ao homem, “eram as relações com pessoas do mesmo sexo que possibilitavam aos homens superar as necessidades de relações pessoais não vividas no casamento e no relacionamento de pais e filhos”.¹⁸²

No cristianismo primitivo, o ato sexual entre iguais era recriminado por não fazer parte dos costumes de Israel, como vimos em Paulo. Na época da Patrística encontramos a condenação sendo feita por diversos Padres da Igreja, e no Concílio de Toledo (693), a condenação já era explícita. Mas, de acordo com Marciano Vidal¹⁸³, “o critério da condenação era basicamente a frustração da finalidade procriadora”¹⁸⁴, e existem sinais que mostram uma certa ‘tolerância’ pelo clero. Porém, “em 1025, o bispo Burkhard de Worms encontra-se a palavra ‘sodomia’ no livro penitencial *Decretum*,”¹⁸⁵ e em 1049, durante a Reforma Gregoriana Pedro Damião, “usou a palavra ‘sodomia’ como substantivo em uma carta que escreveu ao Papa Leão IX, dizendo que desejava sacudir a Igreja por causa do ‘vício sodomítico’ no clero e nas comunidades religiosas”.¹⁸⁶ Sua proposta era a de que os ‘sodomitas’¹⁸⁷ sofressem castigos que poderiam ir de uma simples suspensão à pena de morte. Em vida, ele não conseguiu o seu intento, pois o papa respondeu a sua petição com a seguinte expressão: “... *sed Nos humanius agentes*”¹⁸⁸, mas em 1179, no Terceiro Concílio de Latrão, algumas destas exigências foram aceitas.

Após o quarto Concílio de Latrão, em 1215, Paulo da Hungria, utilizou a palavra ‘sodomia’ com certa constância a fim de convencer os confessores de que se tratava de um pecado grave, já que não havia consenso católico manifesto sobre esse assunto. Para ele, tais ações seriam as responsáveis pelas epidemias de fome, pestes e terremotos, trazendo como base diversas passagens bíblicas como Gn 19;

¹⁸² Conclusão de Sir Kenneth Dover, em seu estudo *Magistrae* sobre as relações sexuais entre pares na Grécia antiga. Cf. CORINO, L. C. P. *Homoerotismo na Grécia Antiga: Homossexualidade e Bissexualidade, Mitos e Verdades*. In: *Biblos*. Rio Grande: Dep. de Biblioteconomia e História, vol. 19, 2006, p. 19-24.

¹⁸³ É teólogo moralista na Universidade Pontifícia Comillas (Madrid). Entre outros, autor de *Psicologia de Sentido Moral; Sexualidade e condição homossexual na Moral Cristã; Feminismo e ética. Como feminizar a moral; e Nova Moral fundamental*.

¹⁸⁴ VIDAL, Marciano. *Sexualidade e condição homossexual na Moral Cristã*. Aparecida: Ed. Santuário, SP, 2008, p. 139.

¹⁸⁵ RECK, Norbert. *Desejos perigosos*. O discurso católico sobre a sexualidade homossexual. In: Regina A Quinn et outros. *Revista Concilium*, fasc 324, Petrópolis: Ed. Vozes, 2008/1, p.19.

¹⁸⁶ IDEM. *Ibidem*. p. 20. Nota 16.

¹⁸⁷ Sodomitas eram os homens que praticavam ato sexual com outros homens.

¹⁸⁸ [...] Porém nós atuamos de forma humana. Cf. VIDAL, *Sexualidade e condição*, p. 143.

Lv. 18,20; Rm 1,26s.¹⁸⁹

“Com o tempo, a expressão ‘sodomia’ tornou-se conceito para ações sexuais entre pessoas do sexo masculino”¹⁹⁰ e “os sodomitas passaram a ser não mais os habitantes da cidade de Sodoma no mar Morto, tampouco aqueles que agissem como os habitantes de Sodoma, mas aqueles que praticavam sodomia”.¹⁹¹

De acordo com Norbert Reck¹⁹², em Gn 19, 1-11, a interpretação sobre o pecado de Sodoma até a Idade Média era a de que a cidade havia sido destruída devido à forte desobediência à lei praticada. O povo de Sodoma havia esquecido os princípios básicos da lei mosaica tais como: respeito ao outro, solidariedade e hospitalidade. Dessa forma, a cidade já estava condenada antes mesmo do atentado aos visitantes. “O atentado veio mostrar como o povo de Sodoma estava afastado de Deus, o que provocou a destruição da cidade”.¹⁹³

No texto não havia ‘condenação moral’ como as leituras tradicionais bíblicas, na atualidade, procuram dar. O contexto e as preocupações eram outras, inclusive a moral vigente era diferente. Como exemplo, citamos: Lot ofereceu suas filhas para terem relações com os habitantes da cidade em troca dos estrangeiros. Na contemporaneidade, nenhuma pessoa que seguisse os preceitos religiosos como Lot, pensaria em oferecer suas filhas em troca da proteção dos visitantes.

De acordo com Helminiak, esta passagem não pode ser analisada isoladamente. É preciso observar outras passagens que fazem referência a este episódio. Por exemplo, em Ezequiel o episódio de Sodoma é descrito da seguinte maneira:

Por minha vida – oráculo do Senhor Iahweh – Sodoma, tua irmã e tuas filhas não agiram como tu e tuas filhas. Eis em que consistia a iniquidade de Sodoma, tua irmã: na voracidade com que comia o seu pão, na despreocupação tranquila com que ela e suas filhas usufruíam os seus bens, enquanto não davam nenhum amparo ao pobre e ao indigente. Eram altivas e cometeram abominação na minha presença. Por isso as eliminei, como viste.¹⁹⁴

Nesta passagem a ‘abominação’ descrita se referia ao fato dos moradores da cidade de Sodoma não cumprirem a lei em que se deveria dar hospitalidade ao

¹⁸⁹ RECK, *Desejos perigosos*, p. 21. Nota 19.

¹⁹⁰ IDEM. *Ibidem*. p. 20. Nota 18.

¹⁹¹ IDEM. *Ibidem*. p. 21.

¹⁹² Teólogo alemão. Entre outros livros, autor de *Abenteuer Got; Beim Gehen entsteht der weg...*

¹⁹³ IDEM. *Ibidem*, p. 43.

¹⁹⁴ BÍBLIA, Ez. 16, 48-49.

estrangeiro, não receberem os viajantes necessitados. Naquela região desértica era muito frio à noite, e um viajante que ficasse à noite ao relento poderia morrer.

No Novo Testamento, em Mateus também Jesus cita Sodoma, quando se refere à rejeição dos mensageiros de Deus. “Mas se alguém não vos recebe e não dá ouvido às vossas palavras, saí daquela casa ou daquela cidade e sacudi o pó de vossos pés. Em verdade vos digo: no Dia do julgamento haverá menos rigor para Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade.”¹⁹⁵

Segundo Helminiak, o paralelo entre esta passagem e Sodoma é “o coração fechado que rejeita o estrangeiro, a maldade daqueles que não dão as boas-vindas aos arautos divinos”.¹⁹⁶

De acordo com Marciano Vidal, ao se relacionar o texto de Sodoma com outras passagens do A.T. podemos inferir que:

- Havia injustiça e violação das leis da hospitalidade pelos habitantes da cidade [...]
- Não é possível afirmar que se tratasse de violação homossexual [...] - e que havendo violação homossexual esta tivesse recebido uma desqualificação tão grande que justificasse a destruição total da cidade.¹⁹⁷

No entanto, as interpretações aqui citadas foram feitas através de uma hermenêutica bíblica na qual a contextualização foi essencial para se chegar a uma leitura próxima de como era percebida, na época, a passagem de Sodoma. Mas esta hermenêutica bíblica não existia no século XII, quando o relato de Sodoma foi usado para condenar a homossexualidade, porque ‘supostamente Deus teria condenado e punido os cidadãos de Sodoma por suas atividades homossexuais’. Aos poucos a causa da destruição de Sodoma, foi sendo modificada, e a interpretação tradicional bíblica passou explicar que a destruição de Sodoma teria acontecido porque o grupo formado por homens desejava fazer sexo entre eles, como uma espécie de orgia.

Para Norbert Reck, a argumentação teológica apresentada como condenação da ‘sodomia’ era fraca e contraditória. As referências bíblicas giravam em torno da pureza ritual, as considerações teológicas focalizavam a procriação e os órgãos sexuais para a reprodução. Apesar disso, o que foi divulgado e ficou gravado na memória cristã é que ‘a prática da sodomia transforma a pessoa em sodomita’, ou seja, torna a pessoa em uma espécie diferente, inferior. Segundo Reck, para a

¹⁹⁵ IDEM. *Ibidem*. Mt. 10,14-5

¹⁹⁶ HELMINIAK, *O que a Bíblia*, p. 45.

¹⁹⁷ VIDAL, *Sexualidade e condição*, p.128.

teologia medieval “o ato sexual com uma pessoa do mesmo sexo era percebido como uma atitude não danosa ao outro”,¹⁹⁸ embora alguns teólogos da época lutassem contra esta visão. No entanto, de modo geral, ‘a sodomia’ era considerada uma ‘tentação’ e, como tal, teria que ser considerada ‘perigosa’.

Após o Concílio de Trento isto mudou. O ‘sodomita’ passou a se encontrar entre aqueles que eram considerados ameaças à religião católica junto com os luteranos e os pagãos. “Um inimigo do qual se deve defender e mesmo atacar como mostram os processos inquisitoriais católicos”.¹⁹⁹

Do século XV ao XIX o discurso moral da Igreja Católica trazia em seu fundamento a função do sexo como exclusivamente procriadora e os pecados sexuais eram concebidos de duas maneiras: “os de acordo com a natureza (fornicação, adultério, incesto, estupro e rapto), e aqueles contrários à natureza (masturbação, sodomia e bestialidade)”.²⁰⁰ Os pertencentes ao segundo grupo, tornavam-se mais graves por ferir o critério da procriação, sendo vistos como ‘abusivos à sexualidade humana’. Com o passar do tempo, o discurso religioso enfatizando esta mesma posição passou a fazer parte da abordagem das demais igrejas cristãs.

A palavra homossexualidade surgiu em 1869 com o austro-húngaro Karol Maria Benkert visando introduzi-la no pensamento médico-científico a fim de tirar a condenação moral da palavra sodomia, e substituí-la pelo conceito de diversidade psicofísica.²⁰¹ Quem a praticasse seria doente, e possuidor de um distúrbio mental devido a um determinado tipo de personalidade. A palavra ganhou o sufixo ‘ismo’, significando ‘patologia’, e transformou-se em ‘homossexualismo’. A homossexualidade²⁰² inicialmente foi definida como uma perversão do instinto sexual causada pela degenerescência de seus portadores. @ homossexual junto com outr@s considerad@s ‘pervers@s’ do século XIX passou a ser rigorosamente estudad@ pela ciência e vist@ como uma grave ameaça à família, à raça e à sociedade.

¹⁹⁸ RECK, *Desejos perigosos*, p.164.

¹⁹⁹ TORRES, Marco Antônio. *Os significados da homossexualidade no Discurso Moral-Religioso da Igreja Católica em condições históricas e Contextuais Específicas*. In: Revista de Estudos da Religião (REVER), n. 1, 2006, p. 148-149. Disponível no site: http://www.pucsp.br/rever/rv1_2006/index.html. Acessada em 20/05/2009.

²⁰⁰ IDEM. *Ibidem*, p.149.

²⁰¹ RECK, *Desejos perigosos*, p.24.

²⁰² A palavra a ser usada aqui seria ‘homossexualismo’, mas, como na atualidade a ‘homossexualidade’ não é mais considerada doença, o uso da palavra ‘homossexualismo’ poderia confundir os leitores e optamos por colocar como hoje é usada: ‘homossexualidade’.

Segundo Foucault a ‘teoria da degenerescência’ que surgiu no século XIX teve como objetivo explicar a origem patológica do comportamento desviante, alertar para a importância de se fortalecer as táticas de controle sobre o corpo, e prevenir a população do surgimento das perversões, da prática dos desajustados e desequilibrados de todas as espécies que pudessem prejudicar o projeto existente na época de uma sociedade saudável. “Esta teoria encheu os hospitais, manicômios e pavilhões, isolando um contingente de marginalizados, formado por todos que eram considerados ‘degenerados’”.²⁰³

Com a colocação do homossexual como doente, a busca de causas para este comportamento passou a ser objetivado pela psiquiatria que foi definindo a personalidade do homossexual como uma ‘personalidade patológica especial’. Muitas pesquisas e teorias foram levantadas desde então sobre a homossexualidade. Na psicanálise, Sigmund Freud²⁰⁴, considerava a homossexualidade como uma inversão da sexualidade. “Não se tratava de vício, degradação ou doença, e sim uma variação da função sexual, produzida por uma certa parada no desenvolvimento sexual”.²⁰⁵ Para Jacques-Marie-Émile Lacan também não era doença, mas Ana Freud e Melanie Klein a patologizaram, e na bioenergética, Wilhelm Reich e Alexander Lowen também a patologizaram.²⁰⁶

No entanto, após rever estudos e provas, sem encontrar nada que revelasse que a homossexualidade se enquadrasse nos critérios utilizados na categorização de doenças mentais, em 1975, a Associação Americana de Psiquiatria (APA) retirou a homossexualidade do seu Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais (DSM).

Em 1985 Robert Jessé Stoller²⁰⁷ afirmou que os trabalhos psicanalíticos sobre a homossexualidade estavam contaminados pela retórica, e não havia conseguido reunir elementos que sustentassem que a homossexualidade seria uma

²⁰³ MOUKARZEL, *Sexualidade e deficiência*, p. 28.

²⁰⁴ Fundador da psicanálise. Autor de inúmeros livros. Entre outros, citamos: Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo; A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher e três ensaios sobre a teoria da sexualidade.

²⁰⁵ COSTA, Jurandir Freire. *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*. SP: Escuta, 1995, p. 255.

²⁰⁶ CECCARELLI, Paulo Roberto. *A invenção da homossexualidade*. In: BAGOAS. Estudos gays, gêneros e sexualidades, Natal, 2, 71-93, 2008, p. Disponível em site: <http://www.ceccarelli.psc.br/artigos/portugues/doc/invhomo.pdf>. Acessado em 23/04/2010, p.75.

²⁰⁷ Foi psiquiatra com formação psicanalista. Autor de *Excitação sexual: Dinâmica da vida erótica* (1981); *Observando a imaginação erótica* (1989), etc. Fez uma extensa pesquisa sobre o tema, envolvendo inclusive o transexual.

patologia. Neste mesmo ano, o Conselho Federal de Medicina do Brasil passou a desconsiderar o artigo 302.0, da classificação internacional de doenças que considerava a homossexualidade uma doença, e outros conselhos fizeram o mesmo. Em 1993 a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou o termo 'homossexualismo' do Catálogo Internacional de Doenças (CID), e em 1999, o Conselho Federal de Psicologia no Brasil publicou a portaria 01/99 onde o psicólogo está sujeito à sanção caso direcione sua prática para a 'cura' da homossexualidade. Diz a resolução: "os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades".²⁰⁸

Apesar de todas as revisões, análises e concordância dos conselhos em afirmarem que a homossexualidade não é doença, e da aquiescência da grande maioria dos médicos, psiquiatras, psicólogos, e dos cientistas em geral, ainda encontramos alguns profissionais que continuam a não concordar que a homossexualidade esteja dentro dos padrões da 'normalidade' e acreditam que possa haver 'cura'²⁰⁹ para a homossexualidade. O psicólogo Gerard Aardweg²¹⁰ pertence a este grupo de especialistas. Para ele o homossexual é um neurótico. Tem dificuldade até para amar, pois o seu complexo o direciona para si mesmo.

De modo geral, as igrejas cristãs continuam a não aceitar a homossexualidade como uma expressão da sexualidade. Para essas igrejas, e os profissionais ligados a elas, a homossexualidade é um desvio, uma patologia que precisa de tratamento e cura.

Para as Igrejas Pentecostais e Neopentecostais, a homossexualidade deve ser profundamente recriminada, pois é uma conduta antinatural, pecaminosa; uma perversão ou abominação. Elas acreditam que "as igrejas devem acolher os homossexuais desde que eles reconheçam que precisam de ajuda para mudar o seu comportamento".²¹¹ É comum aos adeptos dessas igrejas e muitos de seus pastores, reagirem com violência à exposição atual dos homossexuais.

Outro pensamento que encontramos entre os cristãos é o que considera a

²⁰⁸ Cf. KNIEST, Rihl Gustavo. Resolução CFP N^o 001/99 de 22 de março de 1999. In: *A relação terapêutica frente a homossexualidade*. Recife: UNICAP, 2005, p. 218. Disponível em site: http://www.unicap.br/tede//tde_busca/processaArquivo.php?codArqui vo=74. Acessado em 24/04/2010.

²⁰⁹ A reversão da homossexualidade para a heterossexualidade.

²¹⁰ É psicólogo, especialista no tratamento de problemas de homossexualidade e casamento. Autor de *A batalha pela normalidade sexual; Neurótica autopiedade e Terapia antiqúeixa, A atração homoerótica no sacerdócio, A Humanae Vitae e os efeitos da paternidade homossexual*.

²¹¹ JURKEWICZ, Regina S. *Cristianismo e homossexualidade*. Disponível em: <http://www.rizoma.ufsc.br/pdfs/regina.pdf>. Acessado em 04/05/2010, p.4.

homossexualidade como consequência da queda do ser humano, e por isso @s homossexuais não possuem capacidade para modificar esta orientação. Essa era a visão do Teólogo Luterano Helmut Thielicke.²¹² Ele acreditava que o homossexual deveria se ajustar ao estilo de vida heterossexual. No entanto se isso fosse impossível aconselhava “canalize a atividade sexual para uma relação de casal estável, eticamente responsável”.²¹³

Para os anglicanos que seguem o pensamento do teólogo Norman Pittenger²¹⁴, “Quando homens e mulheres homossexuais procuram viver ‘no amor’[...] eles estão agindo cumprindo a vontade deles próprios e agindo de acordo o propósito de Deus”.²¹⁵ Para eles o que é pecaminoso não é a homossexualidade como tal, mas sim a exploração de outra pessoa e isto pode ocorrer também em relações heterossexuais.²¹⁶ Na Igreja Anglicana, na atualidade, algumas dioceses já possuem pastor@s e bisp@s homossexuais.

O catecismo da Igreja católica (1997) afirma que a homossexualidade se reveste de formas muito variáveis ao longo dos séculos e das culturas (§2357), e apoiando-se na Sagrada Escritura que os apresenta como depravações graves (Cf. Gn 19, 1-29 ; Rm 1, 24-27 ; 1Co 6, 10 ; 1 Tm 1, 10) e na Tradição que declara serem inclinações e atos "intrinsecamente desordenados" (CDF, décl. "Persona humana " 8) e contrários à lei natural, pois fecham o ato sexual ao dom da vida, em caso algum podem ser aprovados. No entanto, este catecismo reconhece que um número não negligenciável de homens e de mulheres apresentam esta tendência profundamente enraizada, e estes devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza (§2358), evitando-se com eles todo sinal de discriminação injusta. O catecismo chama ainda as pessoas homossexuais à castidade e a procurar se aproximar da perfeição cristã (§2359).²¹⁷

O Magistério da Igreja Católica tem sido bastante rigoroso em relação à homossexualidade e seus documentos mostram-se contrários a qualquer tipo de

212 Helmut Thielicke era teólogo luterano e foi reitor da Universidade de Hamburgo. Autor de *The Ethics of Sex*. Morreu em 1986.

213 THIELICKE, Helmut. *The Ethics of Sex*. Cambridge: James Clarke & Co.Ltda, 1978, p. 280.

214 Foi professor do General Theological Seminary. Escreveu 90 livros, foi o responsável pela primeira campanha respeitável para a aceitação de relações homossexuais entre os cristãos. Cf. BNET. Disponível em site: http://findarticles.com/p/articles/mi_qa3818/is_1997_10/ai_n8782625/. Acessado em 20/06/2010.

215 Este foi o caso do “reverendo Gene Robinson, que em 2003 se tornou o primeiro bispo anglicano declaradamente gay, escolhido pelo Estado de New Hampshire”.²¹⁵

216 PITTENGER, Norman. *Time for Consent*. London: SCM Press, 1967, p. 103.

217 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. B. H.: Ed. O Lutador, 5ª edição, MG, 1997.

concessão para adoção, casamento, etc²¹⁸. Em 1994 o Papa João Paulo II escreveu uma “carta às famílias do mundo inteiro” enfatizando, entre outros temas sexuais, a sua posição contrária à união homossexual. E diante da diretora executiva da ONU²¹⁹ afirmou enfaticamente "Uma família é um marido, uma mulher e suas crianças. E o casamento é a única base de uma família. Os homossexuais e as lésbicas não são famílias".

O Papa Bento XVI também tem se colocado contrário à adoção, e ao casamento gay, e os documentos da Igreja continuam rígidos quanto a isso.

Entretanto, segundo o Pe. Luis Correa Lima ²²⁰ alguns fatos chamam a atenção sobre a modificação que vai acontecendo por parte da Igreja desde a entrada de Bento XVI.

Em 2008 o Papa declarou que a família é a célula de comunhão que fundamenta a sociedade. Para ele, “a família é constituída pela união de vida e amor, baseada no matrimônio entre um homem e uma mulher”[...] Um bem insubstituível para toda a sociedade, que não pode ser confundido ou equiparado a outras formas de união”. ²²¹ Para alguns, isto significa dizer que ‘somente as uniões heterossexuais são morais’. Mas, Correa Lima explica que “as uniões gays não substituem as uniões héteros”. [...] Não há concorrência entre esse tipo de união”.²²² A maior parte das legislações reconhecem as uniões afetivas como ‘união civil’ e não como ‘casamento’. E o Papa se posicionou em relação ao casamento.

Ainda no ano de 2008, quando houve a proposta da França de todos os países descriminalizarem a homossexualidade, a delegação da Santa Sé

²¹⁸ Cito alguns documentos: Declaração sobre alguns pontos da ética sexual (1972); Sobre o cuidado pastoral de pessoas homossexuais (1986); Algumas considerações concernentes à resposta a propostas legislativas sobre a não-discriminação das pessoas homossexuais (1992); Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais (2003); Congregação para a Educação Católica sobre os candidatos ao sacerdócio com orientação homossexual (2005).

²¹⁹ A paquistanesa Nafis Sadik, diretora executiva das Nações Unidas para População e Desenvolvimento. Cf. VEJA on-line. *O papa da certeza*. Edição histórica. Publicada em 6 de abril de 2005. Disponível em site: http://veja.abril.com.br/especiais/papa/p_038.html. Acessada em 17/04/2011.

²²⁰ Teólogo, doutor em história, coordenador do grupo de pesquisa diversidade sexual, cidadania e religião da PUC-Rio. autor de inúmeros artigos sobre o tema. Entre eles: Os gays e o papa; Os gays o acesso ao sacerdócio; ONU, gays e Vaticano; O ranço moralista; O papa e a ameaça gay.

²²¹ LAGO, Marta. *Política não pode ignorar o grito de socorro da família, alerta o papa*. Disponível em site: <http://www.zenit.org/rssportuguese-18445>. Acessado em 17/04/2011.

²²² LIMA, Luis Correa. *Os gays e o papa*. Disponível em site: <http://www.diversidadecidareli.pucrio.com.br>. Acessado em 16/04/2011.

presente nas Nações Unidas, embora visse com reservas algumas colocações da proposta francesa, “manifestou apreço em condenar todas as formas de violência contra pessoas homossexuais, e incentivou os Estados a tomarem as medidas necessárias para pôr fim a todas as penas criminais contra eles”.²²³

Segundo Correa Lima, essas são mudanças pequenas, mas significativas.

Uma outra corrente teológica que cresce consideravelmente, com pessoas oriundas de diferentes denominações cristãs, é a de teólog@s e exegetas que basead@s na perspectiva posmoderna da leitura bíblica, afirmam ser possível perceber através da hermenêutica bíblica que não há uma interpretação única.²²⁴

Esse grupo se baseia em reflexões profundas sobre a hermenêutica bíblica, tais como as do filósofo Hans-Georg Gadamer.²²⁵

Fazem parte deste grupo os teólogos católicos Todd A. Salzman²²⁶ e Michael G. Lawler²²⁷, para os quais a orientação homossexual é inata, profundamente assentada e equilibrada, apenas sendo voltada para pessoas do mesmo sexo. A ética que deve existir em relação a esta orientação, é que seus atos sejam livres e realizados por pessoas responsáveis. Para eles “o que a determina não é nenhum aspecto moral, ela simplesmente é”.²²⁸

Também fazem parte deste grupo alguns pastores que sentindo a necessidade de viver a fé sem exclusão, criaram as Igrejas Evangélicas Inclusivas²²⁹. Essas igrejas, de modo geral, têm realizado um trabalho que vai além da aceitação, pois buscam romper com o paradigma da homossexualidade entendida como pecado e permitem que eles conciliem a vida religiosa e suas preferências sexuais. Participam ativamente dos cultos, e das atividades pastorais

²²³ LIMA, Luis Corrêa. *ONU, Gays e Vaticano*. Disponível em site: <http://www.Diversidadecidarelipuc.rio.com.br>. Acessado em 17/04/2011.

²²⁴ SANTOS, P. P. A. *Breve Percorso Histórico da Hermenêutica Bíblica*. In: *Atualidade Teológica*, Ano XII, 2008, Fasc 28, p.40.

²²⁵ Alemão, filósofo, foi considerado como um dos maiores expoentes da hermenêutica filosófica. Morreu em 2002. Cf. ANTROPOSMODERNO. *Hans-Georg Gadamer*. Biografia. Disponível em site: http://www.antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id_articulo=183. Acessado em 20/05/2010.

²²⁶ É professor de teologia católica e diretor do Departamento de Teologia, na Universidade Creighton. Autor de livros sobre ética e tradição na igreja católica.

²²⁷ É professor emérito de teologia católica na Universidade Creighton. Autor de diversos livros, tais como: *A dialética da experiência*; *Teologia e casamento*, entre outros.

²²⁸ SALZMAN, Todd. A & LAWLER, Michael G. *The sexual person*. Toward a renewed catholic anthropology. Washington, DC:Georgetown University Press, 2008, p. 233.

²²⁹ Igrejas inclusivas no Rio de Janeiro: Comunidade Betel, e Igreja Cristã Contemporânea.

com seus companheiros e companheiras, e inclusive ordenam-se pastor@s²³⁰

Essas igrejas dão suporte aos homossexuais e a suas famílias, e muitos lugares que começaram com cultos voltados apenas para @s homossexuais, agora recebem as famílias d@s homossexuais e estão abertas a todos.

Dentro da Igreja Católica como nas igrejas históricas tradicionais, de modo geral, existe a ‘aceitação do pecador, mas não do pecado’, e a orientação de que @ homossexual deve fazer uma ‘terapia de cura’ ou ‘reversão’. Isto tem afastado muit@s homossexuais que desejam viver sua sexualidade, e serem cristãos. Entretanto, existem padres, pastores e leigos que trabalham com grupos gays, procurando dar a eles e as famílias, acolhimento, respeito e amor, seguindo a orientação evangélica da inclusão.²³¹

Existe também um crescente número de pesquisas acadêmicas dentro de universidades cristãs sobre homossexualidade e religião, cursos sobre diversidade sexual e religião²³², como também tentativas em algumas igrejas católicas e protestantes d@s homossexuais frequentarem as missas²³³ e os cultos junto com @s companheir@s. Mas estes ainda são trabalhos isolados que atingem uma minoria, e normalmente são feitos em poucas igrejas, em metrópoles, e sob forte tensão.

De acordo com as ciências sociais, a aceitação da diversidade sexual, na atualidade, encontra forte oposição pela visão negativa construída por séculos. A rejeição da homossexualidade nas próprias famílias, nas igrejas, e nas escolas ainda é uma realidade, com @s jovens sofrendo o bullying, muit@s chegando a abandonar a escola, as comunidades religiosas, e até cometendo suicídio.²³⁴

Apesar de todas as dificuldades que o grupo LGBT enfrenta para exercer a

²³⁰ HIRSCH, Olívia. *Igrejas inclusivas*. CLAM. Disponível em site: <http://www.clam.org.br/publicue/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=5032&sid=43>. Acessado em 17/05/2010.

²³¹ Um exemplo é o trabalho feito pelo Pe. Luis Correia Lima que além de ser coordenador do Grupo de pesquisa Diversidade sexual, Cidadania e Religião da PUC-RIO, possui um grupo de oração e leitura bíblica’ formado por LGBTs.

²³² Trata-se do curso ‘Diversidade sexual, Cidadania e Fé Cristã’ realizado no Centro Loyola de Fé e Cultura da PUC-RIO.

²³³ Paróquia São Luis Gonzaga, localizada na Av. Paulista em São Paulo.

²³⁴ Estudos realizados em diversos países mostraram que a taxa de ideação e tentativa de suicídio em jovens gays, lésbicas e bissexuais é 3 vezes superior a de heterossexuais, devido ao preconceito e discriminação que recebem. Cf. QUINTAS, Pedro Manuel P. A homofobia e os comportamentos para a saúde da população LGBT. In: *Heteronormatividade no contexto dos cuidados de saúde*. Atitudes dos profissionais de enfermagem em Razão da Orientação Sexual do Utente. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Portugal, 2008, p. 139. Disponível em : <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/6813/simple-search?query=Pedro+Manuel+Pereira+Quintas>. Acessado em 20/01/2012.

sua cidadania em igualdade com o heterossexual, o dia 5 de maio de 2011 representou um marco na história da homossexualidade no Brasil. “Por unanimidade, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu [...] legalmente as uniões entre pessoas do mesmo sexo”.²³⁵ Numa decisão histórica, o STF decidiu que a partir desta data, casais gays terão os mesmos direitos de heterossexuais previstos no código civil, diminuindo a desigualdade de direitos entre este grupo e os heterossexuais.²³⁶

2.6. Resumo do capítulo

Neste capítulo iniciamos analisando a violência na sociedade ocidental contemporânea, verificando as características positivas e negativas desse período, e como essas características podem ter provocado um aumento na violência. Depois, procurando formas de eliminar ou diminuir os dois fatores geradores de violência, ‘o preconceito e a discriminação’, vimos como estes fatores caminharam na história, junto com o discurso religioso e as decisões governamentais, atingindo alguns grupos: a mulher, @ negr@ e @ homossexual, e como ainda, na contemporaneidade, esses fatores estão presentes.

Traçando a trajetória desses grupos verificamos que os movimentos feministas, negr@s e LGBTs²³⁷, que surgiram no século XX para defender os direitos destes grupos, trabalham ativamente para a difusão de conhecimentos sobre esses temas a fim de amenizar o preconceito e as ações discriminatórias diárias que sofrem esses grupos. Segundo a psicologia social, o preconceito é algo internalizado e o processo de aceitação acontece de forma lenta e gradativa, pois é preciso tempo para se substituir imagens negativas introjetadas por séculos por outras imagens positivas. No entanto, só o ‘conhecimento’ e o ‘tempo’ não parecem diminuir o ‘preconceito e a discriminação’. Esses dois fatores de violência, como vimos anteriormente, têm sido direcionados à mulher, @o negr@, e @o homossexual, mas também podem ser encontrados direcionados a outros grupos, tais como o judeu, a judia, @ obes@, @ deficiente mental, o que tem

²³⁵ BRIGIDO, Carolina. *Contra a discriminação, a lei*. Supremo reconhece, por unanimidade, união civil entre pessoas do mesmo sexo. O globo, Rio de Janeiro, 6 de março, 2011. O País, p.3.

²³⁶ Estamos apenas trazendo ao leitor o conhecimento da decisão do STF. Não temos aqui a intenção de expressar qualquer julgamento quanto a esta decisão.

²³⁷ Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

necessidades especiais, etc. Grupos que fogem ao ‘padrão ideal antropológico da sociedade ocidental’: homem, branco, cristão, forte, viril, provedor, e fisicamente perfeito.

Diante desta constatação surgem alguns questionamentos, tais como: 1. Por que há tanta dificuldade na aceitação daqueles que fogem ao padrão ideal antropológico da sociedade? 2. Por que cresce a ‘violência’ em relação a esses grupos? 3. O que leva o ser humano a menosprezar o diferente? 4. De onde vem o desejo de dominar o ‘outro’? 5. Haverá uma forma de transformar uma sociedade ‘preconceituosa e discriminatória’ em uma ‘sociedade inclusiva’? Como? 6. Que tipo de evangelização poderá ser feita para que o cristão não seja aquele que discrimina o ‘outro’, diferente dele mesmo, mas, ao contrário, possa ser um agente de mudança dele próprio, da sua comunidade e da sociedade ocidental?

Nos próximos capítulos procuraremos: trazer subsídios para entendermos o que se encontra por trás das dificuldades pessoais e institucionais de aceitar como iguais às pessoas pertencentes aos grupos que aqui trabalhamos, responder às perguntas que formulamos, e buscar alternativas de mudanças. Escolhemos para embasar nossa exposição o pensamento de Emmanuel Lévinas, que aqui será apresentado, principalmente através das reflexões teológicas de Luis Carlos Susin.